O POVOADO FORTIFICADO NEO- E ENEOLÍTICO DA SERRA DAS BAÚTAS (CARENQUE, BELAS) [1]

Por

José Morais Arnaud e Teresa Júdice Gamito

I — Introdução

No dia 18 de Julho de 1971, ao visitarmos as grutas artificiais do Tojal da Vila Chã, acompanhados por Josefina e Sofia Júdice Gamito, apercebemo-nos da existência no topo da «serra» oposta de um local com óptimas condições para um povoado eneolítico, dada a sua situação sobre o vale de Carenque e a existência de defesas naturais. Nesse mesmo dia examinámos o referido local, deparando com uma vasta «cratera» resultante da extracção de calcário. Na periferia dessa cratera, verificámos que sobre o fundo rochoso havia nalguns pontos uma camada de terra de espessura variável, com o máximo de 2 m, na qual se encontravam materiais neo- e eneolíticos, ainda *in situ*.

Tendo observado que a reduzida área ocupada pela estação tinha sido quase totalmente destruída pela pedreira, restando apenas uns escassos metros intactos, não era já possível fazer qualquer escavação

---

[1] Sobre esta estação apresentámos já breves comunicações à Secção de Pré-História da Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1971, e às II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, em 1972.

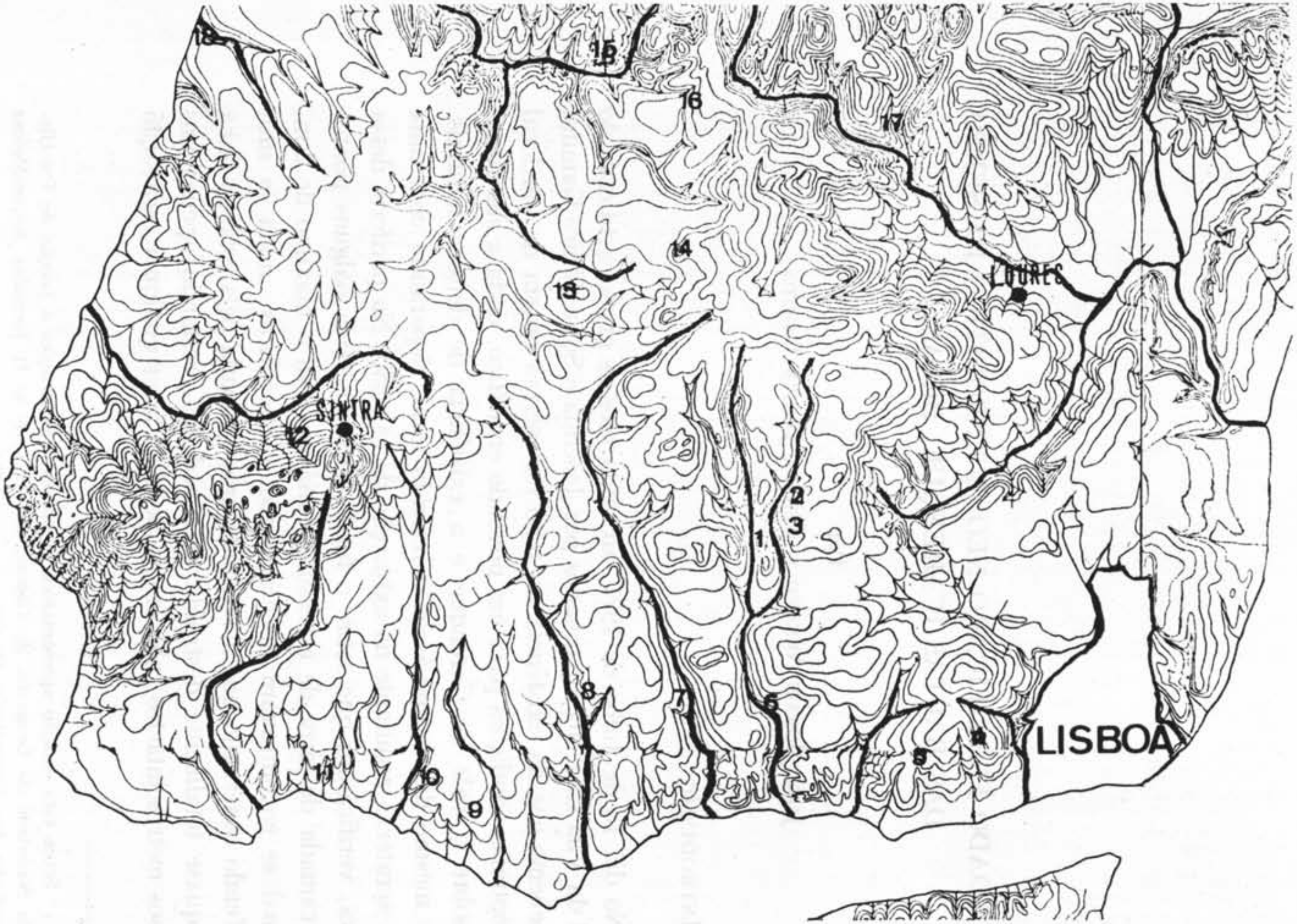


Fig. 1 — Carta dos principais povoados neo- e eneolíticos da península de Lisboa (Esc. 1/200 000): 1 — Serra das Baútas; 2 — Serra das Éguas; 3 — Espargueira; 4 — Vila Pouca; 5 — Montes Claros; 6 — Carnaxide; 7 — Liceia; 8 — Talaíde; 9 — Parede; 10 — Murtal; 11 — Estoril; 12 — Penha Verde; 13 — Cortegaça; 14 — Olelas; 15 — Lexim; 16 — Negrais; 17 — Salemas; 18 — Pedranta.

(Base cartográfica: Mapa Oro-Hidrográfico de Portugal, Centro de Estudos Geográficos — I. A. C., Lisboa, 1965) sistemática, pelo que nos limitámos a recolher, durante alguns dias, com o mesmo grupo, as peças existentes nos montes de terra já remexida pela pedreira. A observação cuidadosa do corte permitiu-nos a diferenciação, nalgumas zonas limitadas, de três estratos bem definidos, pelo que recolhemos alguns litros de terra de cada um deles, numa primeira tentativa, a que nos referiremos mais adiante, para atribuir um significado cronológico-cultural à estratificação identificada. Tencionamos ainda efectuar logo que possível uma sondagem de maior amplitude na estreita faixa intacta, a fim de recuperar o que resta de mais uma estação da Estremadura sacrificada por uma pedreira (2).

A princípio ainda julgamos que este podia ser um dos povoados que o Prof. Heleno identificou e escavou nesta região, nos anos 30, mas averiguou-se que os dois povoados a que se refere no seu trabalho sobre as grutas artificiais (3) se situam na margem esquerda da ribeira. Um breve inquérito na região permitiu a localização do da Serra das Éguas a meia encosta da Serra de A-da-Beja, sobranceiro ao casal Vicente, e do da Espargueira entre os moinhos do Tojal e a extremidade E da povoação de Carenque (ver fig. 2). Aliás, o espólio destas duas estações existente no M. N. A. E., actualmente em estudo por um dos signatários (J. M. A.), bem como o das grutas artificiais, por

(2) Citem-se por exemplo a Rotura, o Penedo de Lexim, Salemas, Vila Pouca, Sete Moinhos, Cerca dos Jerónimos, etc.

(3) Manuel Heleno, *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*, comunicação feita ao Congresso Luso-Espanhol de 1932, Lisboa [1953]. Refere-se aos povoados em duas breves passagens: «Para Este da Ribeira [de Carenque] os terrenos vão subindo por toda essa encosta, pelo vale formado por esta e pela Serra das Éguas se encontram restos de habitações, se acham abundantes provas da existência de povoados pré-históricos.» (Pág. 7). Mais adiante, nas «Conclusões», escreveu: «*a*) A povoação pré-histórica da Serra das Éguas é uma das estações da nossa pedra polida com material de carácter mais primitivo. A sua indústria caracteriza-se pelo predomínio de folhas de sílex, algumas apontadas, cerâmica primitiva, machados grosseiros, indústria de osso, etc.; *b*) A povoação da Espargueira, a necrópole da Serra das Baútas e as grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, dando-nos uma sovela de cobre, alabardas, loiça do grupo campaniforme, placas de xisto e cilindros de calcário, mostram pertencer ao calcolítico, época das grutas de Palmela.» (Pág. 23).

Fig. 2 — Estações e monumentos funerários da região de Carenque: 1 — Povoado da Serra das Baútas; 2 — Povoado da Serra das Éguas; 3 — Povoado da Espargueira; 4, 5 e 6 — Grutas Artificiais I, II e III do Tojal da Vila Chã; 7 — Galeria coberta de Carenque; 8 — Necrópole das Baútas; 9 — Dólmen do Monte Abraão; 10 — Dólmen da Istria; 11 — Dólmen da Pedra dos Mouros.

(Base Cartográfica: Carta Topográfica de Portugal na Esc. 1/10 000, Folha 34-A-5-5, Instuto Geográfico e Cadastral, Lisboa, 1971) encargo do dign.º director daquele Museu, Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, apresenta consideráveis diferenças entre si, maior sendo ainda a diferença entre estes e o da Serra das Baútas.

Os funcionários da pedreira, que está a ser explorada por Herdeiros de Torquato Pardal Monteiro (que aliás não puseram qualquer dificuldade às nossas recolhas, e até já autorizaram futuras escavações) informaram que a extracção de pedra se tinha processado naquele local há cerca de 20 anos, mas que nunca tinham dado notícia da sua natureza arqueológica, nem da presença do Prof. Heleno ou de qualquer outro arqueólogo. E foi pena, pois talvez a estação não tivesse sido destruída como foi, não conscientemente, o que por vezes acontece, mas por ignorância, como cremos, até porque o seu interesse económico não era muito grande, pois a sua exploração pouca fundura atingiu, embora fosse suficiente para a sua destruição quase integral.

II — Localização geográfica e geológica, descrição da estação e estratigrafia

Este povoado ocupava, como já foi sumariamente indicado, o topo da Serra das Baútas, que mais não é que o «esporão» de uma «serra» de maior amplitude, orientada no sentido N - S e delimitada a O pelo rio Jamor e a E pela ribeira de Carenque, estendendo-se entre as povoações do Pendão (a S), Carenque (a E), Belas (a NO) e casal Pelão (a NE), e tendo a cota máxima de 220 m.

Este esporão, cujo eixo maior tem cerca de 500 m (na base), tem a cota máxima de 180 m, sendo limitado a N e E pela ribeira de Carenque, a O pela Quinta das Nogueiras, e a S pelo casal das Baútas. A ribeira corre a cerca de 125 m, pelo que o declive é de 30 º para N e de 29 º para E.

A estação dista 10 km do centro de Lisboa (Marquês de Pombal), e fica situada a 1,5 km a E - 125 - SE de Belas. Fica portanto mesmo no eixo que une estas duas povoações, sensivelmente a meio. Administrativamente, pertence ao concelho de Sintra, freguesia de Belas.

As coordenadas geodésicas do local são as seguintes (4):

M — 38° 46′ 25″ N
P — 9° 15′ 04″ O. Gr.

Geologicamente fica situado no bordo meridional do complexo Cenomaniano (com exclusão de camadas com Neolobites) que Choffat designara primeiro por Belasiano, e que se estende desde Caneças até Alcabideche, estando separado do bordo NO do manto ou complexo basáltico da região de Lisboa por um grupo de afloramentos do complexo Turoniano, que se estende entre o Cacém e Carenque, prolongando-se quase até A-da-Beja (5).

A estação, tanto quanto é possível saber, após o profundo revolvimento de toda a parte superior da «serra», devia ocupar uma área circunscrita, detrás da muralha natural de blocos de calcário lapializado (com cerca de 100 m de extensão e 5 m de altura) (ver Est. I, II *a*) e III), pois a zona de dispersão das peças não excede um raio de 50 m, e em pequenos cômoros que restaram intactos, qual testemunhos, nas zonas adjacentes, conservando ainda uma camada de terra de espessura considerável, raramente se encontram. Na Est. II *b*), o tracejado indica a área original provável.

A estratificação observada só apresenta uma diferenciação bem nítida numa faixa restrita do corte da pedreira (ver Est. V e VI):

0 a −0,20 m — *Camada humosa* superficial, constituída por terra negra e pedregosa com espólio igual ao do estrato A.

−0,20 a −0,60 m — *Estrato A*, constituído por terra castanho-escura, com menos pedras, mas de maior dimensão. A amostra recolhida

(4) Elementos extraídos da folha 34-A, 5-5, da *Carta Topográfica de Portugal na escala 1/10 000*, Instituto Geográfico e Cadastral, Lisboa 1971.

(5) Elementos extraídos da *Carta Geológica dos Arredores de Lisboa na escala 1/50 000*, folha 1, Sintra, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 1961.

(5 l) continha apenas 7 fragmentos pequenos de cerâmica, sendo 1 com impressão de folha de acácia e 2 de pasta do grupo A, 2 do B, e 2 do C (ver adiante, pág.); 1 lamela e 7 resíduos de sílex; 2 fragmentos de conchas (6) e 2 fragmentos de ossos de animais.

−0,60 a −1,00/1,10 m — *Estrato B,* constituído por terra vermelha, muito compacta, com uma quantidade enorme de pedra miúda (5 a 15 cm), «concrecionada». Revelou-se absolutamente estéril, assemelhando-se à *terra rossa* de lapiás em que assenta o estrato C.

−1,00/1,10 a −1,40/1,50 m — *Estrato C,* constituído por terra castanho-escura, semelhante à do estrato A, mas mais compacta e pedregosa, e um pouco mais avermelhada. A amostra recolhida (5 l) continha maior quantidade de cerâmica que a do estrato A, mas menos sílex; 26 fragmentos de cerâmica, sendo 9 do grupo A, 7 do B (incluindo 1 decorado com uma canelura horizontal na qual convergem duas oblíquas) e 10 do C (de pelo menos 7 vasos diferentes); 2 resíduos de sílex; e 5 fragmentos de ossos de animais.

(6) Julgamos tratar-se de *Mytilus* e de *Tapes decussatus* (Linné), moluscos muito comuns nas estações neo- e eneolíticas do território português. Submeteremos naturalmente todo o espólio malacológico e osteológico desta estação à apreciação e classificação de um especialista, mas ainda não foi possível fazê-lo.

Este estrato assenta sobre uma camada de *terra rossa* que preenche os interstícios do fundo rochoso, de calcário lapializado.

III — Materiais recolhidos

A — *UTENSILIOS LITICOS*

Sílex

Micrólitos

1. Micrólito de sílex cinzento-médio-arroxeado em forma aproximada de trapézio rectângulo, preparado a partir de uma pequena lasca de secção triangular escalena, da qual conserva o plano e o bolbo de percussão. Está inteiro e tem vestígios de uso. C - 1,30; L - 0,98; E - 0,30 cm.

2. Micrólito de sílex zonado castanho-claro e médio, em forma aproximada de trapézio rectângulo, preparado a partir de um lâmina estreita. A zona cortante restringe-se às bases maior e menor, pois o lado maior foi boleado e o menor é naturalmente abrupto. Está inteiro e tem vestígios de uso. C - 1,75; L - 1,00; E - 0,25 cm.

3. Micrólito de sílex cinzento-médio-arroxeado, em forma de pentágono irregular, preparado a partir de uma pequena lasca de secção triangular, da qual conserva o plano e o bolbo de percussão. O lado maior é cortante e tem vestígios de uso e os dois que se lhe opõem foram retocados inversamente. C - 1,70; L - 1,16; E - 0,35 cm.

Lamelas e lâminas

4. Lamela de sílex cinzento-escuro com manchas claras, de secção triangular. Está inteira e tem ligeiros vestígios de uso em ambos os gumes. C - 1,26; L - 0,75; E - 0,19 cm.

5. Lamela de sílex cinzento claro acastanhado, de secção triangular escalena. Parece inteira e tem ligeiros vestígios de uso. C - 1,00; L - 0,55; E - 0,11 cm.

6. Lamela de sílex castanho-escuro, de secção transversal trapezoidal. Está inteira, conservando o plano e o bolbo de percussão. Tem finos retoques na face inferior do gume direito e vestígios de uso em ambos os gumes, na face superior. C - 1,30; L - 0,80; E - 0,30 cm.

7. Lamela de sílex cinzento-arroxeado, de secção transversal triangular escalena e de secção longitudinal acentuadamente arqueada. Está inteira, embora não tenha vestígios de bolbo nem de plano de percussão. Tem finos retoques no gume direito, e vestígios de uso em ambos os gumes e faces. C - 1,97; L - 1,02; E - 0,24 cm.

8. Lamela de sílex cinzento-médio, de secção transversal trapezoidal regular. Está inteira, conservando o plano e o bolbo de percussão, e tem vestígios de uso em ambos os gumes. C - 1,88; L - 0,87; E - 0,23 cm.

9. Lamela de sílex cinzento-arroxeado, de secção transversal trapezoidal irregular. Está inteira, conservando o plano e o bolbo de percussão, e tem vestígios de uso em ambos os gumes. C - 2,03; L - 1,12; E - 0,23 cm.

10. Fragmento da extremidade distal de lamela de sílex cinzento-escuro-azulado, de secção transversal trapezoidal irregular e secção transversal trapezoidal irregular e secção longitudinal acentuadamente arqueada. Tem vestígios de uso em ambos os gumes. C - 2,30; L - 1,14; E - 0,40 cm.

11. Lamela de sílex castanho-acinzentado, de secção transversal triangular escalena. Está fracturada, faltando-lhe a extremidade distal, conserva o plano e o bolbo de percussão, e tem vestígios de uso no gume esquerdo. C - 1,84; L - 1,14; E - 0,39 cm.

12. Lamela de sílex zonado, castanho-rosado e cinzento, de secção trapezoidal irregular e secção longitudinal ligeiramente arqueada. Parece estar inteira e apesar de não ter bolbo tem plano de percussão.

Está retocada em ambos os gumes, de forma contínua, mais abruptamente no direito. C - 2,70; L - 1,23; E - 0,35 cm.

13. Lamela de sílex cinzento-acastanhado, de secção transversal trapezoidal muito irregular. Está inteira, conservando o plano e o bolbo de percussão, bem como o córtex no gume esquerdo. Tem escassos vestígios de uso. C - 2,20; L - 1,36; E - 0,34 cm.

14. Lamela de sílex zonado cinzento-claro e médio, de secção transversal trapezoidal irregular. Apesar de não ter bolbo, parece estar inteira, pois tem ambas as extremidades boleadas. Está irregularmente retocada em ambos os gumes, tendo um pequeno *encoche* no esquerdo. C - 2,70; L - 1,60; E - 0,30 cm.

15. Fragmento da extremidade distal de lâmina de sílex castanho-claro com manchas escuras, de secção trapezoidal irregular. Está ligeiramente retocada em ambas as faces e gume, tendo-se fracturado devido ao estreitamento provocado pelo *encoche* do gume direito. C - 2,45; L - 1,55; E - 0,40 cm.

16. Fragmento da extremidade distal de lâmina de sílex cinzento-claro translúcido, com manchas avermelhadas, de secção transversal trapezoidal. Tem alguns retoques ligeiros e descontínuos no gume esquerdo. C - 2,40; L - 2,00; E - 0,50 cm.

17. Fragmento da extremidade proximal de lamela de sílex cinzento-azulado, de secção transversal triangular escalena, com plano e bolbo de percussão e vestígios de córtex no gume direito. C - 1,58; L - 1,00; E - 0,32 cm.

18. Fragmento da extremidade distal de lâmina de sílex castanho- acinzentado, de secção transversal trapezoidal irregular. Tem vestígios de córtex no gume esquerdo e retoques fundos e abruptos junto à extremidade. C - 3,20; L - 2,25; E - 0,55 cm.

Lascas (raspadores)

19. Lasca laminar de sílex cinzento-escuro de secção transversal trapezoidal e secção longitudinal acentuadamente arqueada. Está inteira e apesar de não ter bolbo conserva o plano de percussão e

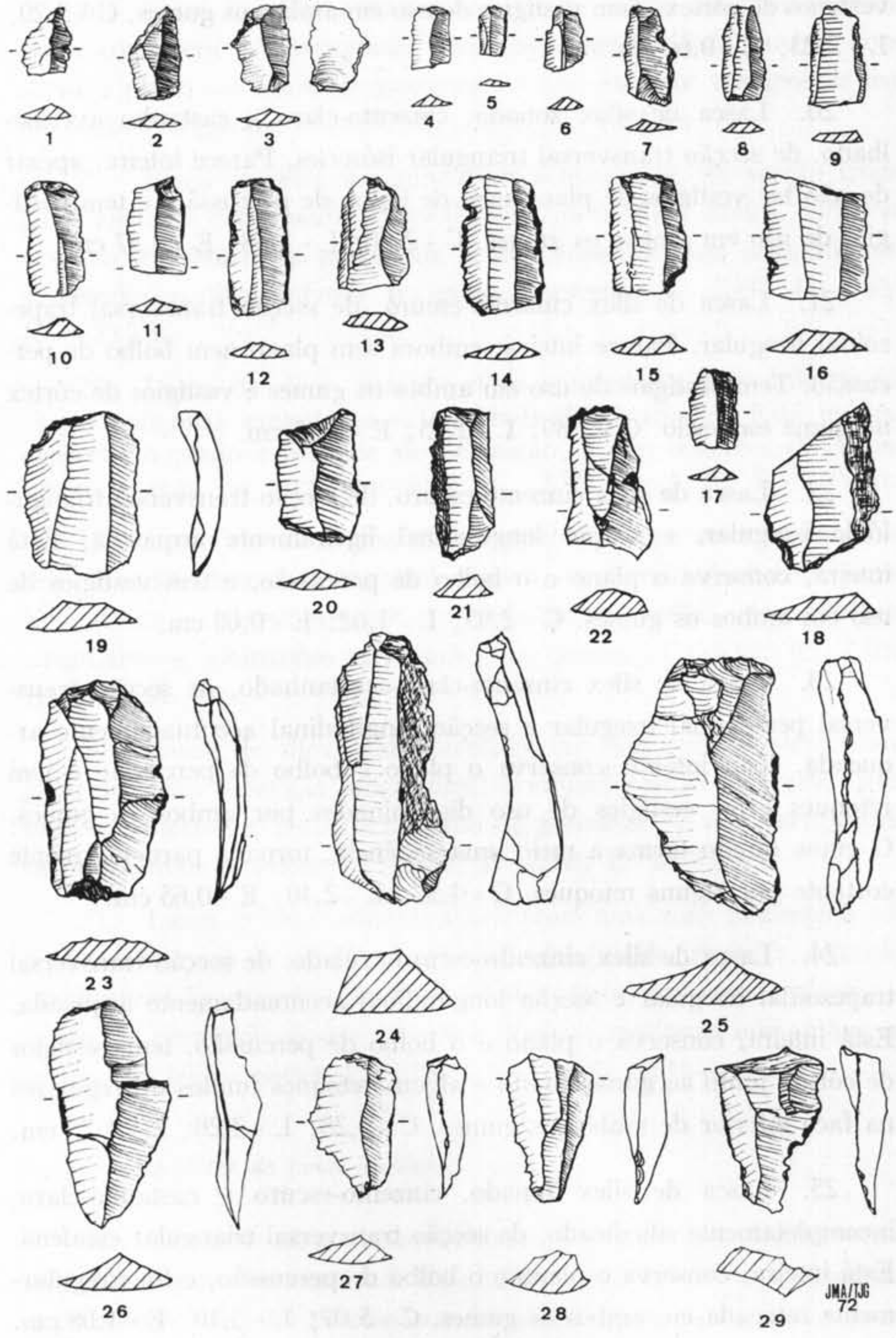


Fig. 3 — Utensílios de sílex (Esc.: 2/3)

vestígios de córtex. Tem vestígios de uso em ambos os gumes, C - 3,20; L - 2,23; E - 0,60 cm.

20. Lasca de sílex zonado, cinzento-claro a castanho avermelhado, de secção transversal triangular isósceles. Parece inteira, apesar de não ter vestígios de plano nem de bolbo de percussão, e tem vestígios de uso em ambos os gumes. C - 2,60; L - 1,58; E - 0,57 cm.

21. Lasca de sílex cinzento-escuro, de secção transversal trapezoidal irregular. Parece inteira, embora sem plano nem bolbo de percussão. Tem vestígios de uso em ambos os gumes e vestígios de córtex no gume esquerdo. C - 2,89; L - 1,15; E - 0,47 cm.

22. Lasca de sílex cinzento-escuro, de secção transversal triangulóide irregular, e secção longitudinal ligeiramente arqueada. Está inteira, conserva o plano e o bolbo de percussão, e tem vestígios de uso em ambos os gumes. C - 2,95; L - 1,62; E - 0,60 cm.

23. Lasca de sílex cinzento-claro-acastanhado, de secção transversal pentagonal irregular e secção longitudinal acentuadamente arqueada. Está inteira, conserva o plano e bolbo de percussão e tem retoques e/ou vestígios de uso disseminados por ambos os gumes. O gume direito forma a meio uma saliência, tornada particularmente cortante por alguns retoques. C - 4,32; L - 2,40; E - 0,65 cm.

24. Lasca de sílex cinzento-escuro-azulado, de secção transversal trapezoidal irregular e secção longitudinal acentuadamente arqueada. Está inteira, conserva o plano e o bolbo de percussão, tem vestígios de córtex junto ao gume direito e alguns retoques fundos e irregulares na face inferior de ambos os gumes. C - 5,28; L - 2,20; E - 1,28 cm.

25. Lasca de sílex zonado, cinzento-escuro a castanho-claro, incompletamente silicificado, de secção transversal triangular escalena. Está inteira, conserva o plano e o bolbo de percussão, e foi irregularmente retocada em ambos os gumes. C - 5,07; L - 3,10; E - 1,08 cm.

26. Lasca de sílex castanho-escuro, de secção transversal triangular equilátera e extremidade distal ponteaguda. Está inteira, conserva o plano e o bolbo de percussão, e tem escassos vestígios de uso em ambos os gumes. C - 4,30; L - 2,18; E - 0,80 cm.

27. Lasca de sílex castanho-claro-acinzentado, de secção triangular escalena e extremidade distal ponteaguda. Está inteira, conserva o plano e o bolbo de percussão, e tem finos retoques descontínuos, sobretudo na face inferior do gume esquerdo. C - 2,74; L - 1,58; E - 0,73 cm.

28. Lasca de sílex castanho-claro-acinzentado de secção transversal poligonal irregular e extremidade distal afilada. Está inteira, conserva o plano e o bolbo de percussão, e tem retoques desencontrados apenas no gume esquerdo. C - 3,00; L - 1,70; E - 0,75 cm.

29. Lasca de sílex cinzento-acastanhado com veios avermelhados, de secção transversal paralelogâmica, e extremidade distal afilada. Está inteira, conserva o plano e o bolbo de percussão, e tem retoques irregulares e alternados em ambos os gumes. C - 3,15; L - 2,05; E - 0,60 cm.

30. Lasca de sílex castanho-claro, de secção transversal triangular isósceles e secção longitudinal acentuadamente arqueada. Está inteira, conserva o plano e o bolbo de percussão, e tem vestígios de uso em ambos os gumes. C - 3,75; L - 2,10; E - 0,64 cm.

31. Lasca de sílex cinzento-claro (com uma zona amarelada sob o córtex branco) de secção transversal triangulóide irregular, e secção longitudinal ligeiramente arqueada. Está inteira, conserva o plano e o bolbo de percussão e tem retoques finos e contínuos em ambos os gumes, na face superior. C - 3,28; L - 1,80; E - 0,75 cm.

Lascas (raspadores de ponta burilante e burís)

32. Lasca de sílex cinzento-escuro, de secção transversal trapezoidal irregular, e extremidade distal afilada. Está inteira, conservando o plano e o bolbo de percussão, e tem finos retoques unifaciais alter-

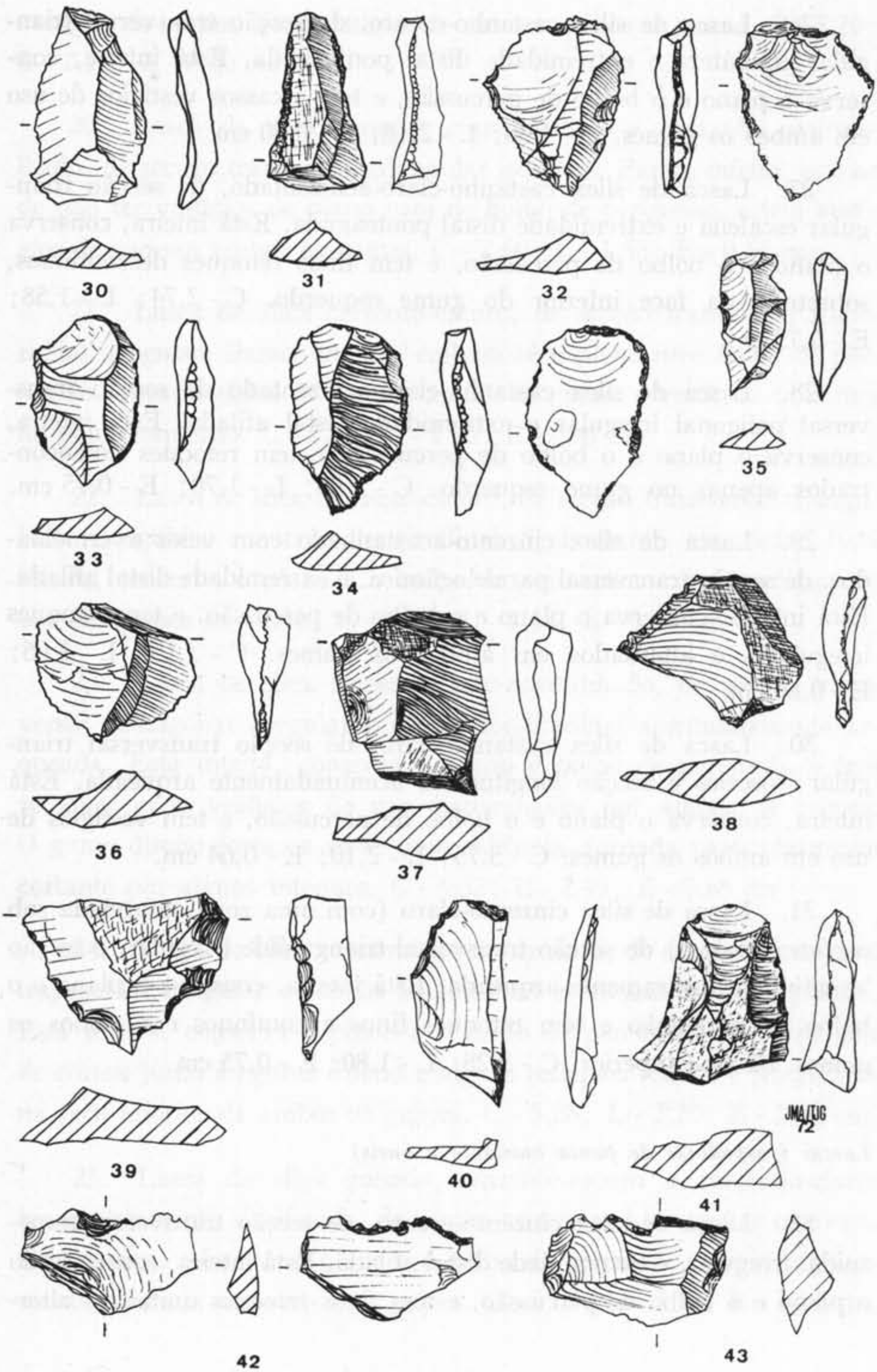


Fig. 4 — Utensílos de sílex (Esc.: aprox. 2/3)

nados no gume esquerdo, e bifaciais contínuos no gume direito. C - 3,35; L - 2,60; E - 0,70 cm.

33. Lasca de sílex cinzento-médio-acastanhado, de secção transversal trapezoidal irregular e extremidade distal ponteaguda. Está inteira, conservando o plano e bolbo de percussão, e tem retoques ligeiros e esparsos em ambos os gumes. C - 3,18; L - 2,00; E - 0,64 cm.

34. Lasca de sílex cinzento-claro com veios avermelhados e cinzento-escuros, de secção transversal triangulóide escalena e extremidade distal afilada. Está inteira, conservando o plano e o bolbo de percussão, e tem retoques regulares e contínuos no gume esquerdo (face inferior) e unifaciais alternados no gume direito. C - 3,58; L - 2,24; E - 0,70 cm.

35. Lasca de sílex castanho-escuro-acinzentado de secção transversal ponteaguda. Está inteira, conservando o plano e o bolbo de percussão, mas não tem retoques. C - 2,70; L - 1,20; E - 0,54 cm (buril angular?).

36. Lasca de sílex cinzento escuro, de secção transversal «helicoidal» e extremidade distal ponteaguda. Está inteira, conservando o plano e o bolbo de percussão, e tem retoques ligeiros na face inferior, junto da ponta «burilante». C - 3,08; L - 2,60; E - 0,90 cm.

37. Buril oblíquo sobre lasca de sílex cinzento-médio-acastanhado, de secção «helicoidal». Está inteira, conservando o plano e o bolbo de percussão, e tem vestígios de córtex junto daquele. A ponta encontra-se no ângulo formado pela extremidade e pelo lado direito, bicôncavo, da peça, e foi obtida pela intersecção de quatro planos, mediante a extracção de duas a três esquírolas. C - 3,48; L - 2,90; E - 1,04 cm.

38. Buril axial lateral sobre lasca de sílex de *patine* castanho-escura, de secção «helicoidal». Está inteiro, conservando o plano e o bolbo de percussão. A ponta burilante encontra-se a meio do bordo esquerdo da lasca e foi obtida pela intersecção de quatro planos,

mediante a extracção de duas esquírolas. C - 3,60; L - 2,78; E - 0,80 cm.

39. Fragmento de raspador de ponta axial burilante, preparado sobre espessa lasca de sílex cinzento-claro-acastanhado, de secção trapezoidal irregular, com retoques largos e abruptos junto à ponta. C - 3,84; L - 2,86; E - 1,07 cm.

40. Buril angular sobre fragmento de lasca de sílex acastanhado. Está inteiro e foi retocado unifacialmente na extremidade oposta à ponta, que foi obtida pela intersecção de quatro planos, mediante a extracção de duas esquírolas. C - 3,83; L - 1,78; E - 0,52 cm.

41. Buril oblíquo sobre espessa lasca de sílex cinzento-médio (córtex negro) de secção trapezoidal irregular, conservando o plano e o bolbo de percussão. A ponta encontra-se no ângulo formado pela extremidade distal e pelo lado esquerdo da lasca, e foi obtida pela intersecção de três planos, mediante a extracção de uma esquírola. C - 3,45; L - 2,95; E - 1,03 cm.

Lascas («denticulados» ou elementos de foice)

42. Denticulado oblíquo sobre lasca de sílex zonado, cinzento--claro a escuro, conservando o plano e o bolbo de percussão. O gume foi obtido por cinco curtas séries de retoques alternados sobre o lado maior. C - 3,32; L - 1,90; E - 0,60 cm.

43. Denticulado lateral sobre lasca de sílex cinzento-acastanhado, de secção transversal triangular, conservando o plano e o bolbo de percussão. O gume foi obtido por dois «entalhes» (*encoches*) contíguos sobre o lado maior. C - 3,40; L - 2,00; E - 1,15 cm.

44. Denticulado lateral com lasca espessa, de secção transversal triangular escalena, de sílex castanho-escuro. O gume foi obtido por dois entalhes unifaciais alternados e contíguos sobre o lado maior. C - 4,70; L - 2,50; E - 1,20 cm.

45. Denticulado sobre fragmento de lasca de sílex cinzento-médio com veios brancos, de secção triangular escalena, com um só entalhe largo e fundo, retocado bifacialmente. C - 2,70; L - 2,10; E - 0,70 cm.

46. Denticulado lateral sobre lasca de sílex cinzento-médio-acastanhado. Conserva o plano e o bolbo de percussão e os retoques, unifaciais, formam um entalhe largo sobre o lado esquerdo da lasca. C - 2,70; L - 2,00; E - 0,62 cm.

47. Peça de sílex cinzento-escuro, de forma aproximadamente triangular, retocada unifacialmente ao longo do lado maior, formando um gume que a aproxima dos denticulados, se bem que se aproxime também dos «micrólitos». C - 3,43; L - 1,77; E - 0,40 cm.

48. Denticulado oblíquo sobre lasca de sílex cinzento-claro com veios rosados e cinzento-escuros, de secção transversal triangular escalena, conservando o plano e o bolbo de percussão e vestígios de córtex. O gume foi obtido mediante três entalhes largos unifaciais e alternados sobre o lado maior. C - 4,90; L - 2,60; E - 0,93 cm.

49. Denticulado lateral sobre lasca de sílex cinzento claro, de secção transversal triangular, inteira e conservando o plano e o bolbo de percussão. O gume denticulado foi obtido mediante dois pequenos entalhes unifaciais alternados e contíguos em ambos os gumes, e por pequenos retoques adicionais. C - 4,42; L - 1,45; E - 0,70 cm.

Lascas (raspadeiras)

50. Raspadeira sobre ponta de lasca de sílex cinzento-escuro com veios rosados, de secção trapezóide irregular, conservando o plano e o bolbo de percussão. Tem retoques regulares unifaciais no bordo esquerdo e na extremidade distal. C - 4,28; L - 3,20; E - 0,90 cm.

51. Raspadeira «em leque» sobre fragmento de lasca espessa de sílex cinzento-acastanhado com veios rosados, em forma de cunha. O topo e os bordos laterais são abruptos e o gume foi retocado unifa-

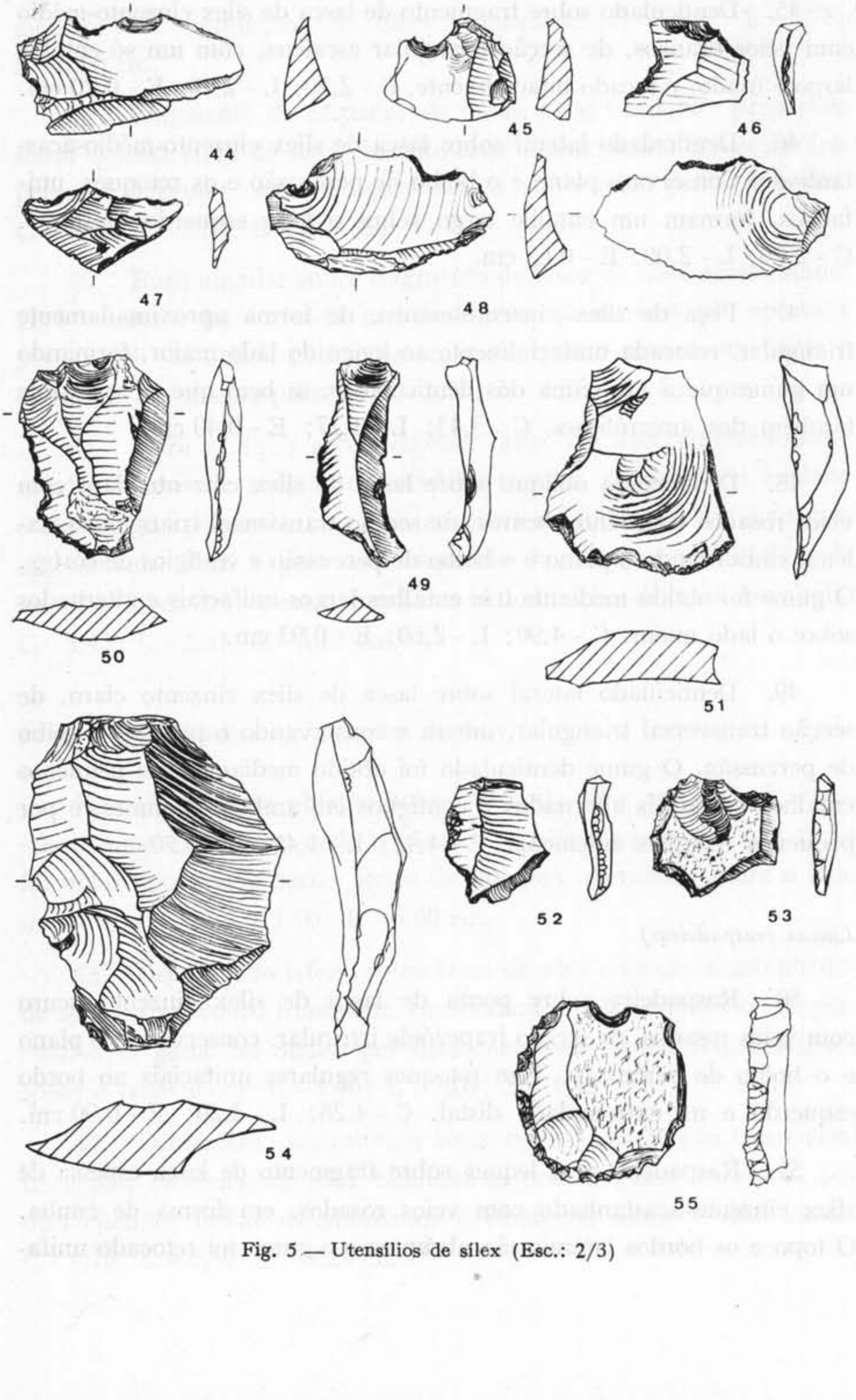


Fig. 5 — Utensílios de sílex (Esc.: 2/3)

cialmente em toda a sua extensão, com quatro retoques largos e fundos e vários outros menores. C - 4,43; L - 4,03; E - 1,24 cm.

52. Lasca de sílex castanho-claro, conservando o plano e o bolbo de percussão, retocada unifacialmente no bordo esquerdo e na extremidade distal. C - 2,56; L - 2,17; E - 0,55 cm.

53. Pequena raspadeira de forma poligonal irregular, sobre fragmento de lasca ou lâmina de sílex cinzento-claro, com retoques unifaciais abruptos em quase toda a sua periferia. C - 2,68; L - 2,54; E - 0,53 cm.

54. Raspadeira sobre lasca grande de sílex cinzento-escuro com veios acastanhados, de secção transversal helicóide, que parece ter sido obtida por talhe bipolar, pois apresenta um plano e um bolbo de percussão em cada extremidade, embora na mais larga sejam mais característicos. Os gumes, sinuosos e bem afiados, foram obtidos mediante a extracção de lascas cujos negativos são bem visíveis. C - 7,20; L - 5,50; E - 1,60 cm.

55. Raspadeira discoidal de sílex cinzento-claro-acastanhado, conservando vestígios de plano e bolbo de percussão, bem como de córtex. Tem retoques longos e abruptos em pouco mais de metade do seu perímetro. O polimento da zona do córtex da face superior mostra claramente que o utensílio foi usado sem qualquer tipo de suporte ou cabo. ∅ máx. - 3,73; ∅ mín. - 3,50; E - 0,85 cm.

Lâminas ovóides

56. Lâmina ovóide de sílex cinzento-claro, levemente rosado, de secção transversal plano-convexa e secção longitudinal côncavo-convexa. Tem retoques regulares, largos, penetrantes, abruptos e bifaciais em todo o seu perímetro, com excepção de uma pequena parte do bordo direito, que conserva o córtex. C - 6,68; L - 3,20; E - 0,75 cm.

57. Lâmina ovóide de sílex cinzento-claro acastanhado, de secção transversal triangulóide e secção longitudinal biconvexa. A face

inferior é quase plana, e tem ligeiros retoques marginais junto ao bordo esquerdo; a face superior está profundamente retocada em quase toda a sua superfície, seguindo-se a uma primeira série de finos retoques abruptos ao longo de todo o perímetro uma outra série de retoques largos que penetram até ao dorso da peça, com maior regularidade no lado esquerdo. C - 6,38; L - 3,50; E - 1,10 cm.

58. Lâmina ovóide de sílex cinzento-claro, de secção transversal triangulóide e secção longitudinal côncavo-convexa. A face superior está finamente retocada em quase toda a superfície, mas mais intensamente no lado esquerdo e no topo, onde se observam duas séries sobrepostas de retoques, uma marginal, outra «invasora»; a face inferior está retocada apenas nos bordos, em quase todo o seu perímetro, de forma mais irregular, com retoques largos e abruptos no bordo esquerdo, e «invasores» superficiais no topo e no bordo direito. C - 5,18; L - 3,28; E - 1,04 cm.

Alabarda

59. Fragmento de alabarda (?) de sílex cor-de-salmão, finamente retocada em ambas as faces, com um gume sinuoso e bem afiado em todo o perímetro original conservado. E — 0,75 cm.

Ponta de seta

60. Ponta de seta de sílex cinzento-arroxeado, de base ligeiramente côncava oblíqua, secção plano-convexa e bordos convexos, retocada em toda a face superior, e apenas nos bordos e na ponta na face inferior. C - 2,35; L - 1,37; E - 0,30 cm.

Núcleo

61. Núcleo de sílex cinzento-médio-acastanhado, de secção transversal heptagonal irregular, com dois planos de lascagem, perpendiculares entre si (no sentido indicado pelas setas). Na face principal tem negativos de duas lâminas com 6 cm e de uma lamela com 4,5 cm;

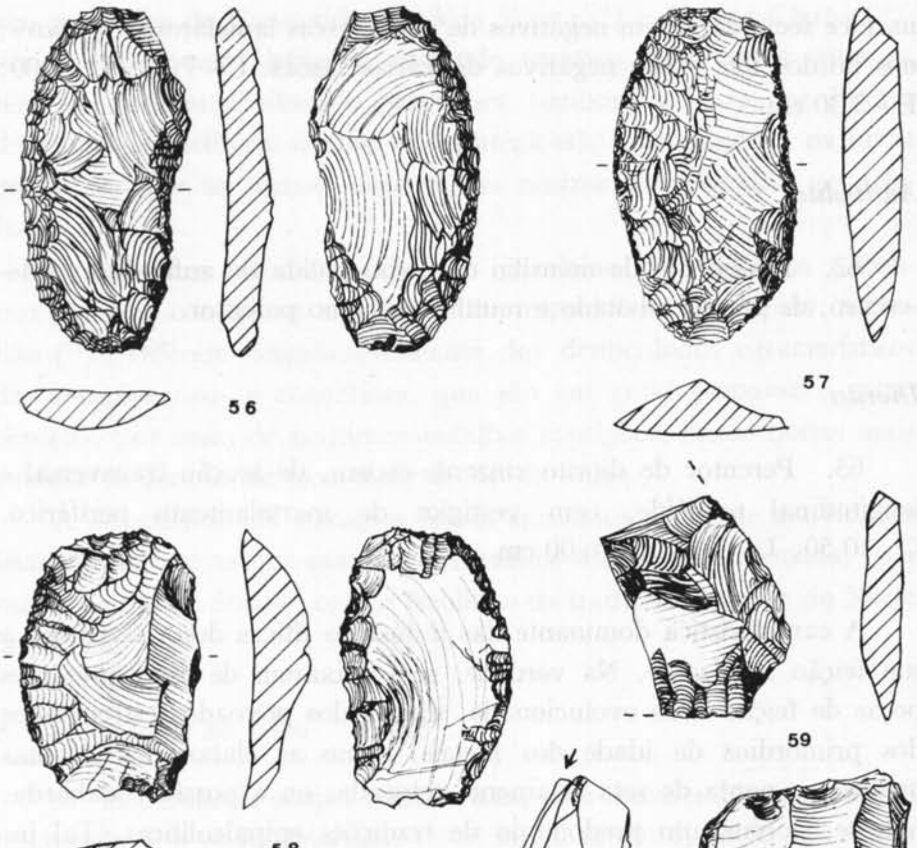


Fig. 6 — Utensílios de sílex (56-61), osso (64-66) e cobre (67) (Esc.: 2/3)

na face secundária tem negativos de cinco lascas lamelares irregulares; nos bordos tem ainda negativos de várias lascas. C - 7,20; L - 4,00; E - 3,30 cm.

Anfibolito

62. Fragmento de utensílio de pedra polida de anfibolito verde--escuro, de gume embotado e reutilizado como percutor.

Diorito

63. Percutor de diorito cinzento-escuro, de secção transversal e longitudinal ovalóide, com vestígios de martelamento periférico. C - 10,50; L - 7,70; E - 6,00 cm.

A característica dominante das indústrias líticas desta estação é a sua feição arcaízante. Na verdade, sem deixarem de estar presentes peças de feição mais evolucionada, típicas dos povoados estremenhos dos primórdios da idade dos metais, como as elaboradas lâminas ovóides, a ponta de seta finamente retocada, ou a possível alabarda, nota-se, porém, um predomínio de tradições epipaleolíticas. Tal influência verifica-se não só nos, aliás escassos, micrólitos, mas sobretudo nas abundantes lascas toscamente retocadas, ou mesmo sem retoques (19 - 31) a que apenas podemos atribuir uma função muito genérica, raspante ou cortante; nos burís, punções ou pseudo-burís (32 - 41); nos denticulados, em geral de entalhes retocados alternadamente na face superior e na inferior (42 - 49); nas raspadeiras de retoque abrupto (51 - 55). Finalmente, a peça 54 lembra a técnica campinhense (7).

A ocorrência de tais utensílios é relativamente comum nos povoados do litoral estremenho, mas tão elevada percentagem só é excedida

(7) Note-se que J. Ollivier já assinalara influências campinhenses bem perto da Sera das Baútas: «Une industrie d'aspect compignien parmi le Paleolithique d'Amadora», *Bulletin des Études Portugais,* Nouvelle Serie, Tome XI, 1947, pp. 103-112.

nos povoados de Carnaxide [8], Vila Pouca [9] e Montes Claros [10]. Aliás, estas quatro estações, distando escassos quilómetros entre si, têm em comum a situação geográfica (embora a Serra das Baútas disponha de melhores condições estratégicas), e sobretudo a natureza geológica, que as tornou importantes centros de produção de artefactos de sílex.

Quanto aos «denticulados», os paralelos mais exactos encontram-se nos concheiros de Muge, em especial na Moita do Sebastião [11]. Diferem consideravelmente dos denticulados característicos das estações neo- e eneolíticas, que são em geral preparados sobre lâminas, por meio de pequenos entalhes contíguos, sendo nestes mais evidente a função de elementos de fio de foice.

A persistência de tradições líticas ancestrais a par de actividades técnico-económicas que marcam o Neolítico tem sido relacionada, com maior ou menor ênfase, com o Neolítico de tradição capsense do Norte de África.

B — *UTENSILIOS DE OSSO*

6. Espátula de secção semicircular, com a extremidade proximal fracturada, e a ponta retocada. C - 5,36; L - 1,20; E - 0,75 cm.

---

[8] Gil Miguéis Andrade e João José Fernandes Gomes, «Estudo Preliminar da Estação Pré-Histórica de Carnaxide», *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, I Volume, Lisboa, 1959, pp. 137-146.

[9] Irisalva Moita, «Povoado Neolítico de Vila Pouca (Serra de Monsanto)», *Revista Municipal*, Ano XXVIII, n.os 112/113, 1967, pp. 48-85; e também Virgílio Correia, *Lisboa Pré-histórica — II — A Estação Neolítica de Vila Pouca, Monsanto*, Lisboa 1912, e Jean Roche *et alii*, «Deux stations préhistoriques des environs de Lisbonne: Vila Pouca et Pinhal da Charneca», *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de de Arqueologia*, I volume, Lisboa, 1959, pp. 89-103.

[10] E. Jalhay, A. Paço e L. Ribeiro, «Estação prehistórica de Montes Claros (Monsanto)», *Revista Municipal*, Ano XVI, n.os 20-21, Lisboa, 1945; E Jalhay e A. Paço, «Lisboa há 4000 anos», *Lisboa e o seu Termo*, vol. I, Lisboa, 1948.

[11] Jean Roche, *Le gisement mesolithique de Moita do Sebastião (Muge, Portugal) — Archeologie*, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1960, pp. 53-58 e figs. 14 e 15. Nesta estação os denticulados constituíam 26,26 % das peças de sílex.

65. Furador de secção ovalóide, com a extremidade proximal fracturada e a ponta bem afiada. Tem vestígios de utilização e da acção do fogo, provavelmente com a finalidade de endurecer a ponta [12]. C - 3,80; L - 0,80; E - 0,50 cm.

66. Ponta de um furador, de secção semicircular, pouco afiada. L - 1,10; E - 0,70 cm.

C — *UTENSILIO DE COBRE*

67. Utensílio de gume chanfrado, côncavo, e bordo acentuadamente convexo, com vestígios de um pedúnculo, ou cabo. C - 3,20; L - 1,70; E - 0,40 cm.

O único paralelo que encontramos para esta peça provém do Castro do Penedo (Torres Vedras) [13]. Trata-se da peça n.º 460 do inventário de Spindler, que a considera «peça indeterminável». Tem 2,70 cm de comprimento e a análise espectrográfica revelou tratar-se de cobre do grupo E 01 A, isto é, um tipo de cobre arsénico que, apesar de característico do começo da metalurgia, perdura até El Argar, donde o seu reduzido valor cronológico [14].

D — *CERÂMICA*

À superfície e nas barreiras e montes de entulho deixados pela pedreira recolheram-se 199 fragmentos de recipientes de cerâmica, todos eles integráveis no Neo- ou Eneolítico, incluindo bordos, fundos

---

(12) Processo também observado no povoado da Cortegaça: João José Fernandes Gomes, «Objectos manufacturados sobre osso do povoado pré-histórico do Penedo (Cortegaça — Sintra)», *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, 1.º vol., Coimbra, 1971, pág. 197.

(13) Konrad Spindler, «Die Kupferzeitliche Siedlung von Penedo / Portugal», *Madrider Mitteilung* 10, 1969, pp. 73 a 78.

(14) Sobre este problema, ver o artigo de E. Sangmeister, «Metalurgia y comercio en la Europa prehistorica», *Zephyrus* XI, Salamanca, 1960, pp. 131-140, além dos catálogos de análises espectrográficas de S. Junghans, E. Sangmeister e Manfred Schröder, «Mettanalysen kupferzeitlicher und frübronzezeitlicher Bodenfunde aus Europa» — *Studien zu den Anfängen der Metallurgie*, Band 1, Berlin, 1960, e «Kupfer und Bronze in der frühen Metallzeit Europas», *Studien...*, Band 2, Berlin, 1968.

ou bojos de 66 vasos seguramente diferentes, 24 dos quais com decoração incisa ou impressa, e 1 fragmento com perfurações múltiplas («queijeira»).

A fim de abreviar e sobretudo sistematizar a descrição desses fragmentos, utilizámos, tal como em trabalhos anteriores, a classificação por tipos de pasta, tendo em conta a coloração do núcleo e da superfície interna e externa, reflexo do sistema de cozedura, e a textura, reflexo da preparação e moldagem do barro.

Ao contrário do que se verificou no Penedo de Lexim [15] conseguimos integrar melhor a cerâmica decorada no esquema geral, até por haver na Serra das Baútas muitos fragmentos sem decoração com um acabamento tão cuidado como o dos fragmentos decorados.

É evidente que este sistema tem o inconveniente de qualquer generalização, tende a esmagar uma ou outra característica individual, e sacrifica as *nuances* de cada atributo. Mas sendo a Arqueologia pré-histórica uma forma de investigação histórica social por excelência (irremediavelmente perdido o passado ao nível da vivência quotidiana, e irrecuperáveis na sua individualidade os factos e os seus agentes, resta-nos o comportamento social, determinado por estruturas sócio-económicas de que os artefactos chegados até nós são um reflexo, ainda que pálido), interessa-nos mais determinar tendências gerais, expressáveis estatisticamente, com base nas quais se possam fazer deduções cronológicas e procurar contactos e inter-influências entre culturas distintas.

Um quadro analítico-descritivo decompõe cada artefacto numa vasta gama de atributos isoláveis e reagrupáveis num número infinito de combinações, pelo que tem capacidade de resposta a um questionário susceptível de uma constante formulação diferencial, consoante o conjunto de atributos ou relações entre atributos que for considerado significativo. No entanto, o reduzido número de artefactos de que dispomos e a ausência de um contexto estratigráfico não pareceu jus-

---

(15) J. Morais Arnaud, V. Salgado Oliveira, V. Oliveira Jorge, «O povoado fortificado neo- e eneolítico do Penedo de Lexim (Mafra) — Campanha preliminar de escavações — 1970», *O Arqueólogo Português*, Série III — Vol. V, Lisboa, 1971, pág. 117.

tificar a elaboração de um quadro de pastas/formas/decorações para a cerâmica desta estação, no qual só se justificaria plenamente a integração de 66 fragmentos.

Tal como se verificou nos povoados neo- e eneolíticos de Famão e Aboboreira (Vila Viçosa) [16] e no de Lexim [17] encontram-se dois tipos básicos de pasta, quanto à coloração e textura: a de núcleo negro ou cinzento-escuro (correspondente a uma cozedura redutora ou oxidante incompleta) e a de núcleo cinzento-acastanhado a castanho-avermelhado (resultante de uma cozedura oxidante, menos ou mais completa, ou ainda possivelmente da junção de óxido de ferro ao barro). Estabeleceram-se assim os grupos A e B, respectivamente, por coloração da superfície interna e/ou externa, ou de qualquer particularidade observada num grupo de fragmentos, susceptível de indicar um processo de fabrico específico(é o caso do subgrupo A 6).

A estes dois grupos fundamentais, acrescentou-se um outro, o C, correspondente a um tipo de cerâmica que até agora só encontrámos nesta estação, e cujos atributos devem reflectir uma acentuada diferença de processos de fabrico (escolha, preparação, moldagem e cozedura), expressão de um contexto cultural específico.

GRUPO A

Cerâmica de núcleo negro ou cinzento-escuro, com desengordurante em geral abundante e médio ou grosso, micáceo [18] e quartzítico, e também com conchas trituradas, homogénea mas friável, por vezes com a superfície interna e/ou externa polida, com espessuras entre 0,7 e 3,0 cm (no bojo).

---

[16] J. Morais Arnaud, «Os povoados "neo-eneolíticos" de Famão e Aboboreira (Ciladas, Vila Viçosa) — Notícia preliminar», *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Coimbra, 1971, pág. 207.

[17] *Op. cit.*, pág. 110-111.

[18] Como se sabe, é difícil determinar se a mica de uma pasta era um componente do próprio barro ou se foi acrescentada com o desengordurante. Assim, ao indicarmos esta característica em referência ao desengordurante, fazêmo-lo apenas para facilitar a descrição e não como compromisso em relação a qualquer das duas hipóteses.

Subgrupos

A 1 — Superfície interna e externa negra ou cinzento-escura (69, 81, 91, 92, 96, 97, 104, 107, 114, 126 e mais 16 fragmentos).

A 2 — Superfície interna castanho-avermelhada (2 fragmentos).

A 3 — Superfície externa castanho-avermelhada (77, 82, 83 e mais 16 fragmentos).

A 4 — Superfície interna e externa castanho-avermelhada (84, 94, 98, 105, 132 e mais 34 fragmentos).

A 5 — Superfície interna e/ou externa com manchas irregulares em tons que vão do cinzento-claro ao castanho-avermelhado (73, 86, 90, 95, 101, 113, 115, 122 e 130).

A 6 — Engobo espesso e bem marcado (interno e externo), castanho-claro e superfície polida (75, 76, 80, 87, 88, 102, 106, 123, 124 e 127).

GRUPO B

Cerâmica de núcleo cinzento-acastanhado a castanho-avermelhado, com desengordurante em geral abundante, quartzítico e micáceo, por vezes com conchas trituradas, homogénea e compacta, com espessuras entre 0,7 e 1,5 cm (no bojo).

Subgrupos

B 1 — Núcleo e superfície interna e externa cinzento-acastanhada (70, 72, 89, 89, 108, 120, 129 e mais 18 fragmentos).

B 2 — Núcleo e superfície interna e externa castanho-avermelhada, por vezes com aguada interna e/ou externa castanha-clara (68, 71, 100, 103, 109, 111, 112, 118, 121, 131 e mais 16 fragmentos).

B 3 — Núcleo castanho e engobe interno e/ou externo cinzento-escuro (74, 78, 79, 93, 99, 110, 116, 117, 133 e mais 4 fragmentos).

GRUPO C

Cerâmica de núcleo castanho muito claro, esbranquiçado ou alaranjado, mais raramente vermelho vivo, sem desengordurante ou com pouco e fino, de textura compacta mas facilmente riscável, assemelhando-se à calcite, com espessuras entre 0,4 e 1,5 cm (119, 128 e mais 26 fragmentos).

Esta estranha cerâmica aproxima-se de certas cerâmicas comuns romanas, mas não tem a dureza que caracteriza estas, nem vestígios de roda. A atestar a sua feição pré-histórica acrescente-se que se encontram abundantes fragmentos quer no estrato A quer no estrato C, selado por uma camada estéril (ver págs. 124 e 125 e Est. VI). Quanto à forma, apenas se recolheram dois bordos, sendo um (119) de vaso hemisférico normal e o outro (128) de um recipiente, provavelmente calote esférico, de bordo espessado saliente, com um diâmetro de cerca de 25 cm, forma pouco comum nas estações neo- e eneolíticas estremenhas.

Cerâmica decorada ([19])

68. Bordo de vaso hemisférico; pasta B 2 (muito rija, de superfície rugosa, com desengordurante fedspático); E - 0,9 cm; ∅ - 28 cm; decorado com incisões verticais paralelas pouco profundas.

69. Bordo de vaso esferoidal; pasta A 1 (negra, sem desengordurante, e com a superfície polida); E - 1,0 cm; decorado com incisões curtas e profundas, sobre o bordo e com fiadas horizontais de impressões feitas com sementes de cereal (?).

70. Fragmento próximo do bordo de vaso com um estreito cordão em relevo, decorado com incisões verticais, do tipo comummente designado por «de bordos denteados»; pasta B 1; E - 1,0 cm.

([19]) Na descrição da pasta, indica-se o subgrupo, e, entre parêntesis, eventuais atributos específicos ou divergentes dos que caracterizam genericamente o respectivo subgrupo.

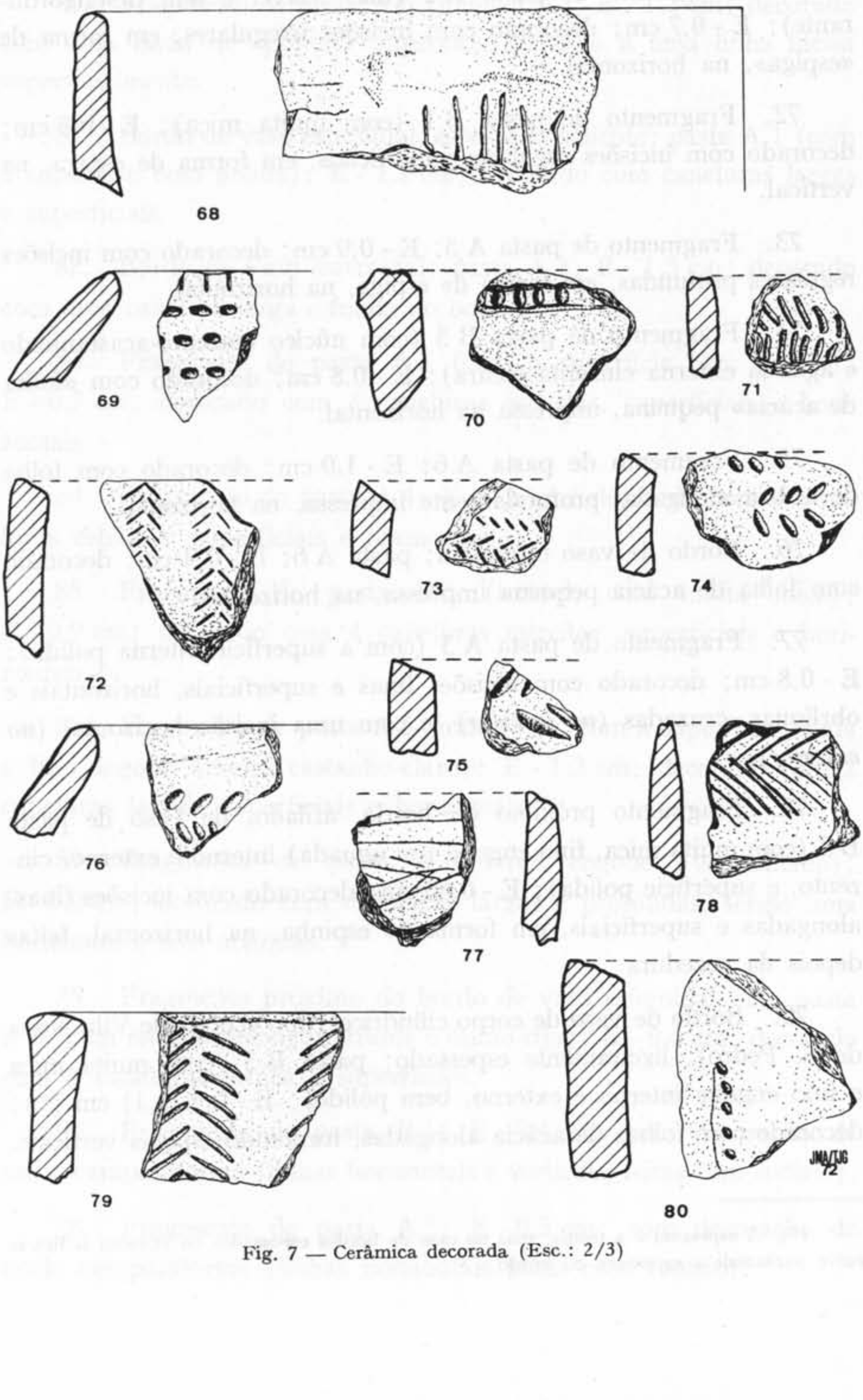


Fig. 7 — Cerâmica decorada (Esc.: 2/3)

71. Fragmento de pasta B 2 (mas friável e sem desengordurante); E - 0,7 cm; decorado com incisões irregulares, em forma de «espiga», na horizontal.

72. Fragmento de pasta B 1 (com muita mica); E - 0,8 cm; decorado com incisões regulares superficiais, em forma de espiga, na vertical.

73. Fragmento de pasta A 5; E - 0,9 cm; decorado com incisões regulares profundas, em forma de espiga, na horizontal.

74. Fragmento de pasta B 3 (com núcleo cinzento-acastanhado e aguada externa cinzenta-escura); E - 0,8 cm; decorado com «folha de acácia» pequena, impressa na horizontal.

75. Fragmento de pasta A 6; E - 1,0 cm; decorado com folha de acácia alongada, profundamente impressa, na horizontal.

76. Bordo de vaso esferoidal; pasta A 6; E - 0,9 cm; decorado com folha de acácia pequena impressa, na horizontal.

77. Fragmento de pasta A 3 (com a superfície interna polida); E - 0,8 cm; decorado com incisões finas e superficiais, horizontais e obrlíquas, cruzadas (*no interior*), e com uma incisão horizontal (*no exterior*).

78. Fragmento próximo do bordo, afilado, de vaso de pasta B 3 (com muita mica, fino engobe (ou aguada) interno e externo, cinzento, e superfície polida); E - 0,60 cm; decorado com incisões finas, alongadas e superficiais, em forma de espinha, na horizontal, feitas depois da cozedura.

79. Bordo de vaso de corpo cilíndrico (tipo «copo» de Vila Nova de S. Pedro), ligeiramente espessado; pasta B 3 (com muita mica e fino engobe interno e externo, bem polido); E - 0,9 (1,1) cm [20]; decorado com folhas de acácia alongadas, formando espigas verticais.

---

[20] A espessura é a média, mas no caso de bordos espessados ou afilados indica-se entre parêntesis a espessura do bordo.

80. Fragmento de pasta A 6 (muito rija); E - 1,2 cm; decorado com uma fiada de «pontos» impressos, paralela a uma linha incisa superficialmente.

81. Bordo de vaso esferoidal, espessado saliente; pasta A 1 (com a superfície bem polida); E - 1,1 cm; decorado com caneluras largas e superficiais.

82. Bordo de vaso esferoidal; pasta A 3; E - 1,3 cm; decorado com uma canelura larga e funda no bordo.

83. Fragmento de pasta A 1 (com a superfície bem polida); E - 0,7 cm; decorado com 3 caneluras estreitas, superficiais e horizontais.

84. Fragmento de pasta A 4; E - 0,8 cm; decorado com 4 caneluras estreitas, superficiais e horizontais.

85. Fragmento de pasta B 1 (friável, com muita mica); E - 0,9 cm; decorado com 4 caneluras estreitas, superficiais e horizontais.

86. Fragmento de pasta A 5 (muito rija, com a superfície polida e fino engobe interno castanho-claro); E - 1,3 cm; decorado com 2 caneluras largas, superficiais e horizontais.

87. Fragmento de pasta A 6 (com engobe avermelhado); E - 0,9 cm; decorado com caneluras largas e profundas, sendo uma horizontal e três oblíquas.

88. Fragmento próximo do bordo de vaso esferoidal (?); pasta A 6 (com escasso desengordurante e muito rija); E - 0,6 cm; decorado com 2 caneluras largas e superficiais.

89. Fragmento de pasta B 1; E - 0,4 cm; com decoração de estilo campaniforme (linhas horizontais e verticais, feitas com rodízio).

90. Fragmento de pasta A 5; E - 0,5 cm; com decoração de estilo campaniforme (linhas horizontais feitas com rodízio).

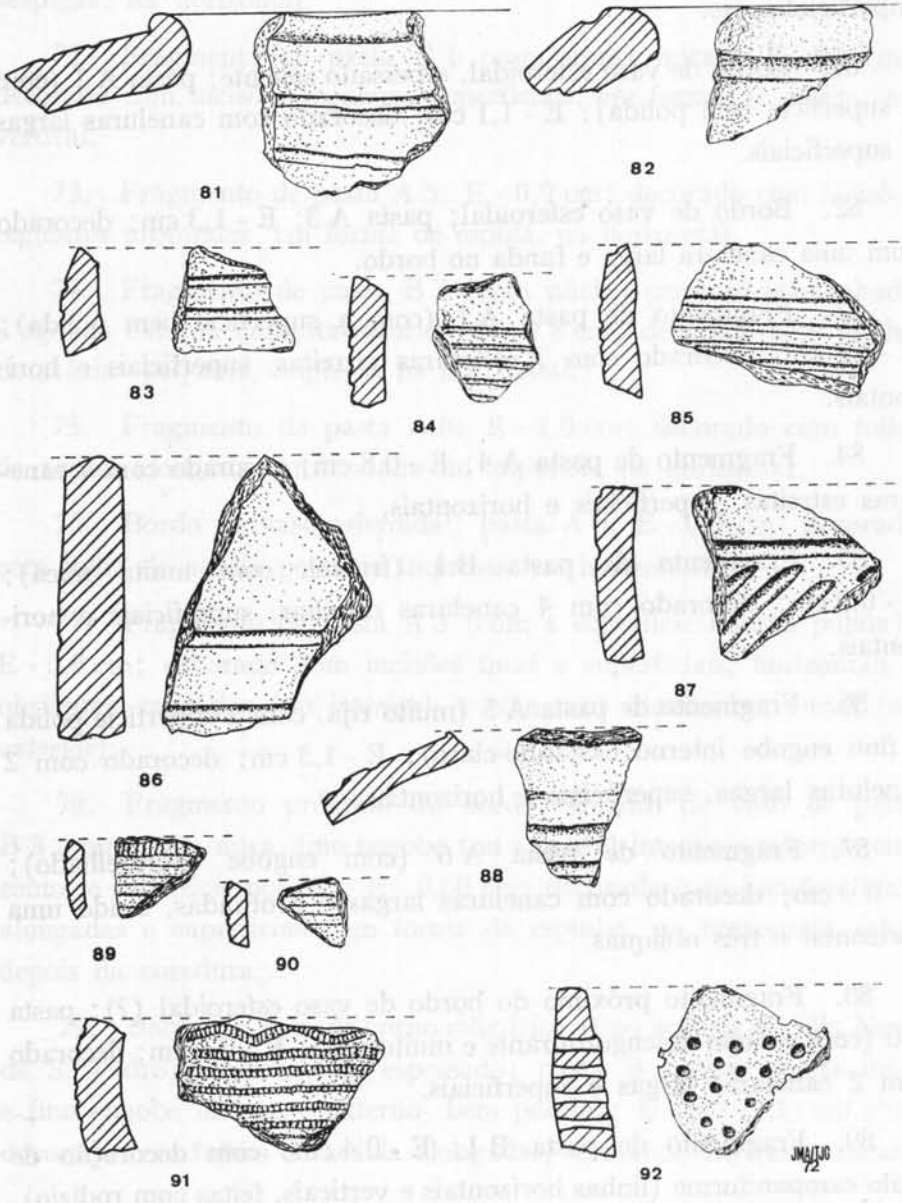


Fig. 8 — Cerâmica decorada e fragmento de «queijeira» (92) (Esc.: 2/3)

91. Fragmento de pasta A 1; E - 1,0 cm; com decoração de estilo campaniforme, tipo taça de Palmela (linhas horizontais, rectas e angulosas, feitas com rodízio).

92. Fragmento próximo do bordo de «queijeira», de pasta A 1; E - 1,1 cm; perfurações cilíndricas, com 0, 2 cm de diâmetro, feitas antes da cozedura, de fora para dentro, como é usual.

93. Bordo de vaso esferoidal, ligeiramente saliente; pasta B 3; E - 0,9 cm.

94. Bordo de vaso esferoidal; pasta A 4 (com a superfície externa polida à espátula); E - 0,8 cm; ∅ - 20 cm.

95. Bordo de vaso esferoidal; pasta A 5 (com a superfície cinzenta-escura-acastanhada); E - 0,9 cm; ∅ - 15 cm.

96. Bordo de vaso esferoidal; pasta A 1; E - 0,7 cm.

97. Bordo de vaso esferoidal; pasta A 1 (com desengordurante fino e micáceo e superfície polida); E - 0,6 cm; ∅ - 14 cm.

98. Bordo de um vaso esferoidal; pasta A 4; E - 0,8 cm; ∅ - 18 cm.

99. Bordo de vaso esferoidal, ligeiramente espessado reentrante; pasta B 3; E - 0,9 (1,3 cm).

100. Bordo de vaso esferoidal, ligeiramente espessado reentrante; pasta B 2; E - 0,8 (1,2) cm.

101. Bordo de vaso esferoidal, ligeiramente espessado saliente; pasta A 5 (com a superfície externa cinzenta-acastanhada); E - 1,1 (1,4) cm; ∅ - 20 cm.

102. Bordo de vaso esferoidal, ligeiramente saliente; pasta A 6; E - 0,9 cm.

103. Bordo de vaso esferoidal, espessado saliente; pasta B 2 (com a superfície polida); E - 1,1 (1,7) cm.

104. Bordo de vaso esferoidal («aberto»); pasta A 1; E - 1,1 cm.

105. Bordo de vaso esferoidal («aberto»), espessado saliente; pasta A 4; E - 0,8 (1,2) cm.

106. Bordo de vaso esferoidal, ligeiramente espessado; pasta A 6; E - 0,7 cm.

107. Bordo de vaso esferoidal, espessado saliente; pasta A 1 (com a superfície bem polida); E - 1,2 (2,2) cm.

108. Bordo de vaso esferoidal, espessado saliente-reentrante; pasta B 1 (com a superfície polida); E - 1,1 (1,7) cm.

109. Bordo de vaso esferoidal, espessado saliente; pasta B 2 (com a superfície polida); E - 1,3 (2,2) cm.

110. Bordo de vaso esferoidal, espessado saliente; pasta B 3 (com a superfície polida); E - 1,0 (1,8) cm.

111. Bordo de vaso esferoidal, espessado saliente; pasta B 2 (com a superfície polida); E - 1,1 (1,9) cm.

112. Bordo de vaso esferoidal, espessado saliente; pasta B 2; E - 0,8 (1,7) cm.

113. Bordo de vaso hemisférico, com pega de perfuração horizontal e parte superior protuberante; pasta A 5 (com desengordurante feldspático, muito rija, e manchas avermelhadas na superfície externa); E - 0,7 cm; ∅ - 25 cm.

114. Bordo de vaso hemisférico; pasta A 1; E - 0,7 cm; ∅ - 22 cm.

115. Bordo de vaso hemisférico; pasta A 5 (com a superfície cinzenta-clara); E - 1,0 cm.

116. Bordo de vaso hemisférico; pasta B 3 (com a superfície polida e fino engobe externo); E - 1,0 cm.

117. Bordo de vaso hemisférico, afilado; pasta B 3 (com engobe interno e externo); E - 0,7 cm; ∅ - 12 cm.

118. Bordo de vaso hemisférico, espessado saliente; pasta B 2; E - 0,7 (1,3) cm.

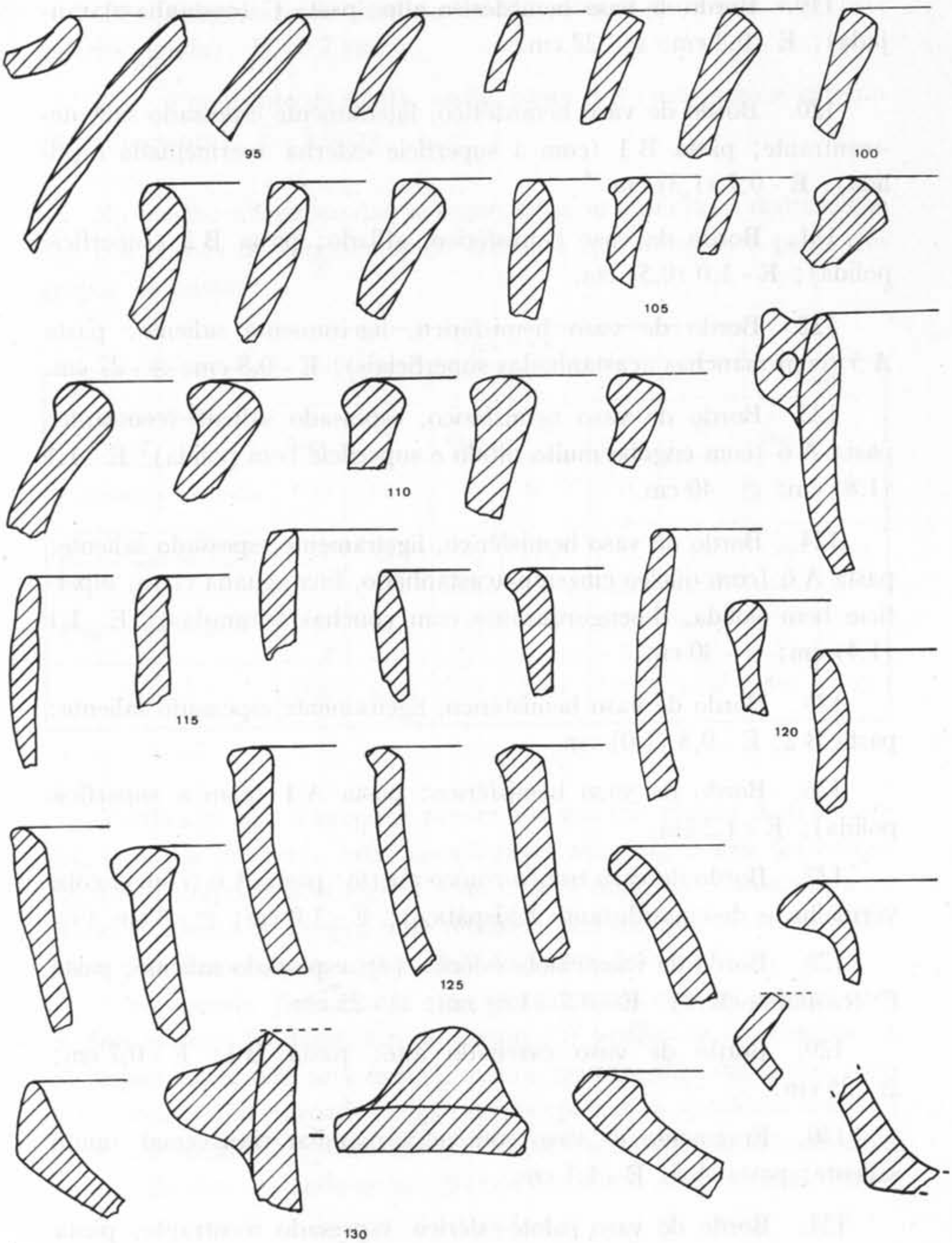


Fig. 9 — Cerâmica não decorada (Esc.: 1/2)

119. Bordo de vaso hemisférico alto; pasta C (castanha-alaranjada); E - 0,8 cm; ∅ - 22 cm.

120. Bordo de vaso hemisférico, ligeiramente espessado saliente-reentrante; pasta B 1 (com a superfície externa avermelhada e polida); E - 0,7 (1,3) cm.

121. Bordo de vaso hemisférico, afilado; pasta B 2 (superfície polida); E - 1,0 (0,5) cm.

122. Bordo de vaso hemisférico, ligeiramente saliente; pasta A 5 (com manchas acastanhadas superficiais); E - 0,8 cm; ∅ - 27 cm.

123. Bordo de vaso hemisférico, espessado saliente-reentrante; pasta A 6 (com engobe muito nítido e superfície bem polida); E - 1,1 (1,8) cm; ∅ - 40 cm.

124. Bordo de vaso hemisférico, ligeiramente espessado saliente; pasta A 6 (com núcleo cinzento-acastanhado, fina aguada clara, superfície bem polida, desengordurante com conchas trituradas); E - 1,1 (1,4) cm; ∅ - 30 cm.

125. Bordo de vaso hemisférico, ligeiramente espessado saliente; pasta B 2; E - 0,8 (1,0) cm.

126. Bordo de vaso hemisférico; pasta A 1 (com a superfície polida); E - 1,2 cm.

127. Bordo de vaso tronco-cónico aberto; pasta A 6 (com engobe vermelho e desengordurante feldspático); E - 1,0 cm; ∅ - 8 cm (?).

128. Bordo de vaso calote esférico (?), espessado saliente; pasta C (castanha-clara); E - 0,7 (1,6) cm; ∅ - 25 cm.

129. Bordo de vaso carenado alto; pasta B 1; E - 0,7 cm; ∅ - 35 cm.

130. Fragmento de vaso com pega mamilar transversal, muito saliente; pasta A 5; E - 1,1 cm.

131. Bordo de vaso calote-esférico, espessado reentrante; pasta B 2 (com a superfície polida); E - 1,3 (1,9) cm.

132. Fragmento de vaso carenado; pasta A 4 (com a superfície externa polida); E - 0,7 cm.

133. Fragmento de fundo, plano, pasta B 3 (com engobe externo cinzento-escuro); E - 1,0 cm.

No quadro estatístico que se segue, pode-se observar a distribuição das três classes de fragmentos de cerâmica que estudamos pelos três grupos de pastas:

FRAGMENTOS	PASTAS A		B		C		Total	
	n.º frags.	%	n.º frags.	%	n.º frags.	%	n.º frags.	%
Fragmentos decorados	16	64	9	36	0	0	25	100
Bordos sem decoração	21	51,2	18	43,9	2	4,9	41	100
Fragmentos atípicos	68	51,1	38	28,6	27	20,3	133	100
Total	105	52,76	65	32,67	29	14,57	199	100

Verifica-se que o grupo A predomina nas três classes de fragmentos, sendo a diferença mais considerável nos fragmentos decorados, em que o grupo B acompanha a uma certa distância o anterior, e no grupo C apenas se integra uma reduzida percentagem de fragmentos, todos sem decoração e apenas dois de forma definida.

Comparando globalmente estas percentagens com as obtidas para os dois estratos fundamentais de Lexim ([21]) verifica-se que, embora a correspondência não seja exacta, nem a amostragem obtida nas mesmas condições, o povoado de que nos ocupamos se aproxima sensivelmente do estrato C, apesar das diferenças em relação a qualquer deles serem mínimas, notando-se um grande equilíbrio entre as peças resul-

([21]) *Op. cit.*, págs. 109-111 e 113-138.

tantes de uma cozedura oxidante e as resultantes de uma cozedura redutora ou oxidante incompleta:

PASTAS	ESTAÇÕES			
	Serra das Baútas	Lexim B	Lexim C	Total
A	52,76 %	(A - D) 44 %	54 %	50,25 %
B	47,24 %	(B - C) 56 %	46 %	49,75 %

A relacionação das pastas com as formas mostra também uma certa unidade na cerâmica desta estação:

FORMAS	PASTAS			
	A	B	C	Total
Esferoidais, de bordo normal ...	5	1	—	6
Esferoidais, de bordo espessado .	5	9	—	14
Hemisféricos, de bordo normal ..	3	3	—	6
Hemisféricos, de bordo espessado	5	2	1	8
Calote-esféricos, de bordo espessado	1	1	1	3
Carenados	1	1	—	2

Saliente-se apenas o predomínio, sobretudo no grupo B, dos vasos esferoidais de bordo espessado (36,64 %), dos vasos esferoidais abertos ou fechados sobre as restantes formas (52,63 %), e ainda o das várias formas de bordo espessado sobre as restantes (65,78 %).

Vejamos a seguir a relacionação das pastas com as decorações:

DECORAÇÕES	PASTAS A	PASTAS B	Total
Decoração incisa	2	4	6
Decoração impressa	4	3	7
Decoração canelada	7	1	8
Decoração rodiziada (Campaniforme)	2	1	3
Total	15	9	24

O único facto significativo parece ser a quase exclusividade da cerâmica canelada no grupo A.

Analisemos a concluir o significado cronológico-cultural das diferentes formas decorativas, tanto quanto o permite a reduzida dimensão de quase todos os fragmentos.

Seguindo sempre que possível a tabela de cerâmicas pré-campaniformes elaborada por H. Schubart ([22]), e o pouco que se sabe da evolução da cerâmica do Neolítico médio aos primórdios da Idade dos Metais, verifica-se que podemos atribuir com relativa segurança no Neolítico final os fragmentos n.os 68, 80 e 69 (n.º 27, da tabela de Schubart, com paralelos na Moita do Sebastião, grutas da Furninha e da Calada, e povoados de S. Mamede, Vila Pouca, e ainda no Alto das Bocas), 70 (com paralelos nos povoados de Parede, Pedrão, Carnaxide, Espargueira, Serra das Éguas, Cortegaça) ([23]), 71, 72 e 73

([22]) Vera Leisner e Hermanfrid Schubart, «Die kupferzeitliche Befestigung von Pedra do Ouro / Portugal», *Madrider Mitteilungen*, 7, 1966, págs. 45-60 e fig. 7.

([23]) Segundo informação oral de João José Fernandes Gomes, que muito agradecemos.

(com paralelos em estações predominantemente neolíticas, como as grutas do Carvalhal, Furninha e Almonda) e 77 e 78, com incisões finas e irregulares, um deles decorado interiormente ([24]).

Tipicamente eneolíticos são os restantes fragmentos. O n.º 79, assemelha-se muito, quer pela pasta quer pela forma, aos característicos «copos» de Vila Nova de S. Pedro, nos quais, porém, a decoração mais comum é a de caneluras horizontais. Os fragmentos n.os 74, 75 e 76, representam a não menos característica cerâmica de «folha de acácia», que surge associado à de caneluras largas (n.os 81 a 88), antecedendo claramente e acompanhando na fase final as cerâmicas do grupo campaniforme, que nesta estação está representado por apenas três fragmentos (89-91), todos de decoração «pontilhada», mas tendo o n.º 91 pelo menos sido com certeza decorado com um rodízio.

Seria descabido, face a um número tão reduzido de fragmentos, sem posição estratigráfica, referir nesta notícia preliminar todas as complexas questões que se levantam ainda em torno da cerâmica imediatamente pré-campaniforme e da sua ligação com a ainda muito polémica cerâmica campaniforme. Registe-se por agora apenas a sua ocorrência.

A concluir estas considerações sumárias sobre a cerâmica desta estação, acrescente-se ainda uma referência ao fragmento n.º 113, provido de uma pega com uma protuberância no topo, e perfurada horizontalmente, representante característico de um tipo de cerâmica muito abundante em Olelas e na Lapa do Fumo, geralmente decorado com «folha de acácia» incisa, e que tem sido atribuído ao Neolítico médio ou final.

([24]) Sobre a distribuição e significado desta cerâmica ver o estudo de Vera Leisner «Innenvezierte Schalen der Kupferzeit auf der Iberischen Halbinsel», *Madrider Mitteilungen*, 2, 1961, pp. 12-33 (há versão portuguesa, ligeiramente diferente, publicada na *Revista de Guimarães*, vol. LXXXI, n.º 3-4, 1961).

E — *ESPÓLIO OSTEOLÓGICO E MALACOLÓGICO*

Recolheram-se também vários ossos de animais, e alguns fragmentos de conchas de moluscos. No entanto, dada a inexistência de um contexto estratigráfico para os mesmos, e a impossibilidade de lhes atribuir uma cronologia sem esse contexto, não julgámos conveniente incluí-los nesta nota, até por não ser possível sequer garantir a sua antiguidade.

IV — CONCLUSÃO: INTEGRAÇÃO CRONOLÓGICO-CULTURAL DESTA ESTAÇÃO NO COMPLEXO NEO- E ENEOLÍTICO DA REGIÃO DE CARENQUE

Na região de Carenque concentra-se um conjunto de estações da maior importância, mostrando uma continuidade de ocupação com poucas lacunas desde pelo menos 20 000 a 2000 a.C.

As indústrias do Paleolítico superior estão representadas pelas pontas de sílex, preparadas sobre lâminas de bordos abatidos, retocadas unifacialmente, e integráveis no complexo aurignaco-perigordense, recolhidas em grande abundância na Serra das Éguas. Estas peças, a que também se pode associar uma desenvolvida indústria de lascas e de osso, podem porém pertencer a um «Epiaurignaco-perigordense», semelhante ao identificado no Levante peninsular [25]. A uma forte tradição paleolítica são ainda atribuíveis, como vimos, os «degenerados» utensílios sobre lasca da Serra das Baútas.

No Neolítico médio ou final situamos, além dos escassos micrólitos e de alguns fragmentos de cerâmica da Serra das Baútas, numerosos machados e enxós de feição arcaica e fragmentos de cerâmica decorada com triângulos incisos preenchidos a pontilhado, ou com pequenos mamilos contíguos, obtidos por repuxamento, recolhidos na Serra das Éguas.

---

(25) Salvador Vilaseca, «La estacion taller de silex de l'Areny», *Trabajos del Seminario de Historia Primitiva del Hombre de la Universidade de Madrid...*, III, Madrid, 1961.

O horizonte megalítico está representado sobretudo na necrópole das Baútas ([26]) e nas grutas artificiais, onde aparecem par a par placas-ídolo de xisto e os característicos objectos votivos de calcário, dualidade esta que também se verifica nos numerosos monumentos dolménicos da região de Belas explorados por Carlos Ribeiro ([27]) e indicados na fig. 2, mas que se atenua em dólmenes como os de Trigache e A-da-Beja ([28]), também muito próximos.

Esta dualidade, explicável quer sincrónica quer diacronicamente, tem dado origem às mais variadas teorias, mas, como sempre, a questão só poderá ser cabalmente resolvida mediante escavações cientificamente conduzidas e recolhas *cuidadosas* de amostras para datações absolutas, pois casos como o da Praia das Maçãs ou o da Lapa do Bugio nada resolvem e tudo confundem, ainda mais, se possível.

A única coisa que nos parece segura acerca das grutas artificiais é que a sua construção deve datar de meados do 4.º milénio, pouco depois do estabelecimento na região dos construtores de megálitos do interior, embora o seu período de utilização tenha perdurado, como o dos dólmenes, até ao final do 3.º milénio isto é, até à difusão dos vasos campaniformes, que são, nestes, como em muitos outros sepulcros, meros intrusos muito tardios, para os quais não conhecemos datações *seguras* pelo C 14 anteriores a 2200 a.C.

Mas se as grutas artificiais são posteriores aos mais antigos enterramentos neolíticos em grutas naturais (cujo espólio parece também estar representado na Serra das Baútas e na Serra das Eguas) e muito anteriores ao Campaniforme, a que horizonte dos povoados corresponderão? Por exclusão de partes parece legítima uma correlação precisamente com a característica cerâmica dos «copos» e com a um tanto posterior cerâmica de caneluras e folha de acácia. Infelizmente

---

([26]) Infelizmente não conseguimos averiguar a natureza deste sepulcro, que ficava situado no sopé da «serra» do mesmo nome, junto à estrada, de cujo alargamento resultou a sua destruição.

([27]) *Estudos pré-históricos em Portugal*, II, Lisboa, 1880.

([28]) A. Ribeiro Ferreira *et alii*, «Monumentos megalíticos de Trigache e de A-da-Beja», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo XLV, Lisboa, 1961, pp. 297 e segs.

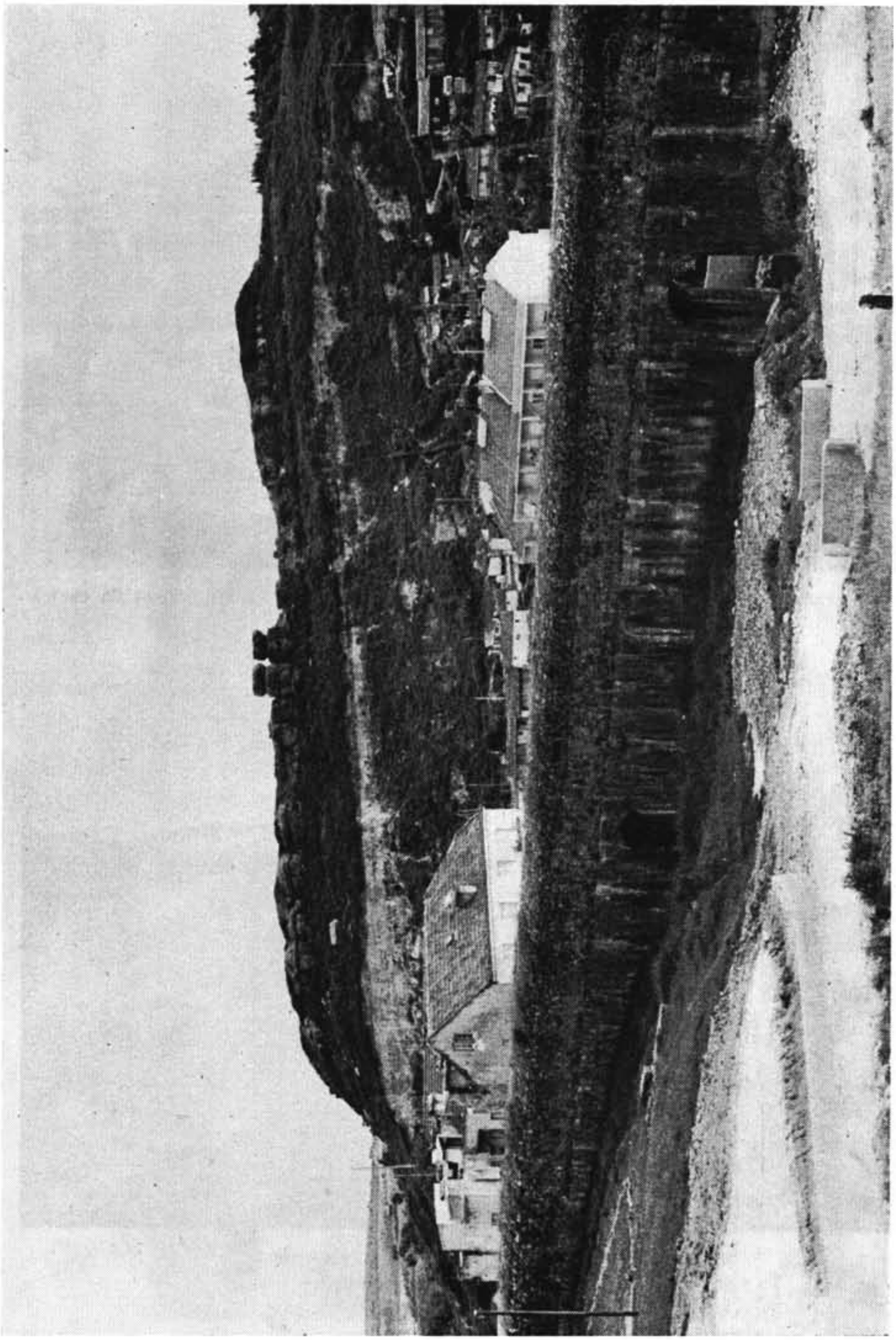
esta poucas vezes aparece em sepulcros, mas um dos casos que conhecemos enquadra-se ainda no horizonte das grutas artificiais, embora se aproxime mais das *thóloi*, que lhe sucederam: trata-se do monumento de S. Martinho de Sintra ([29]), que aliás também tem um enterramento secundário «campaniforme», como por vezes, mas *nem sempre*, acontece, para lançar a confusão em espíritos menos cautos, e munidos de técnicas de escavação obsoletas.

Do exposto parece poder concluir-se que a Serra das Baútas, apesar do reduzido número de peças recolhidas e da sua fragmentação, representou um papel importante durante as várias fases do Neolítico e Eneolítico estremenho patentes na região de Carenque. Embora a sua ocupação tenha sido muito menos prolongada do que a da Serra das Éguas, foi mais contínua que a deste povoado, durante o período que agora nos interessa, e muito mais ainda que a da Espargueira. Podemos assim atribuir-lhe os parâmetros cronológicos de 3500 e 2000 a.C., com as naturais reservas.

SUMMARY

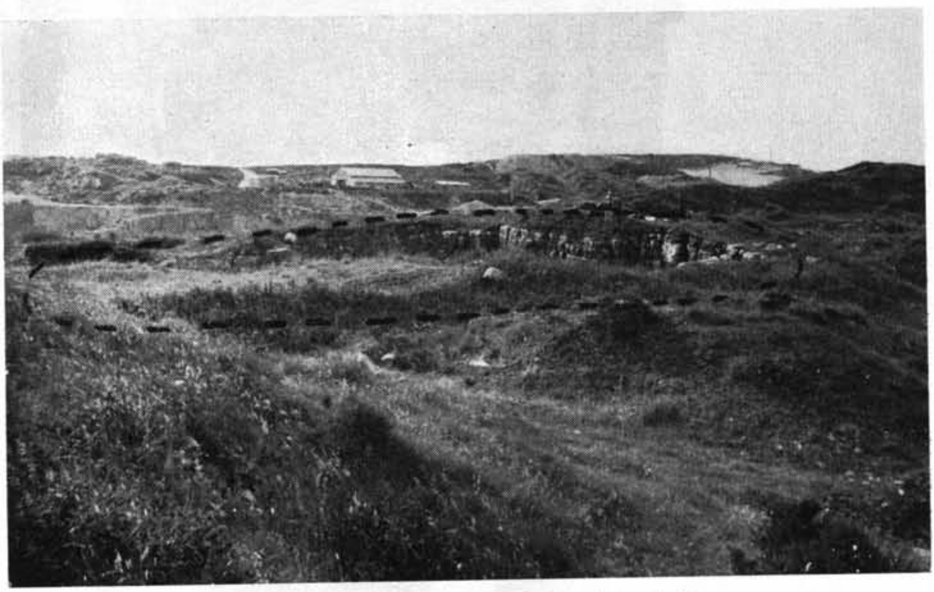
The authors report the discovery in 1971 of the remains of a Neolithic and Early Copper Age hill-fort, just 10 km NW from Lisbon and 7,5 km from the Tagus, in the area of the famous artificial caves excavated by M. Heleno in the Thirties. The site was destroyed by a quarry, but the remains collected in the edges show a continual occupation from 3.500 to 2.000 b.C., at which corresponds a successive burial in natural caves, dolmens and artificial caves.

(29) Vera Leisner, *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel*, 1/3, Berlin, 1965, fig. 32.



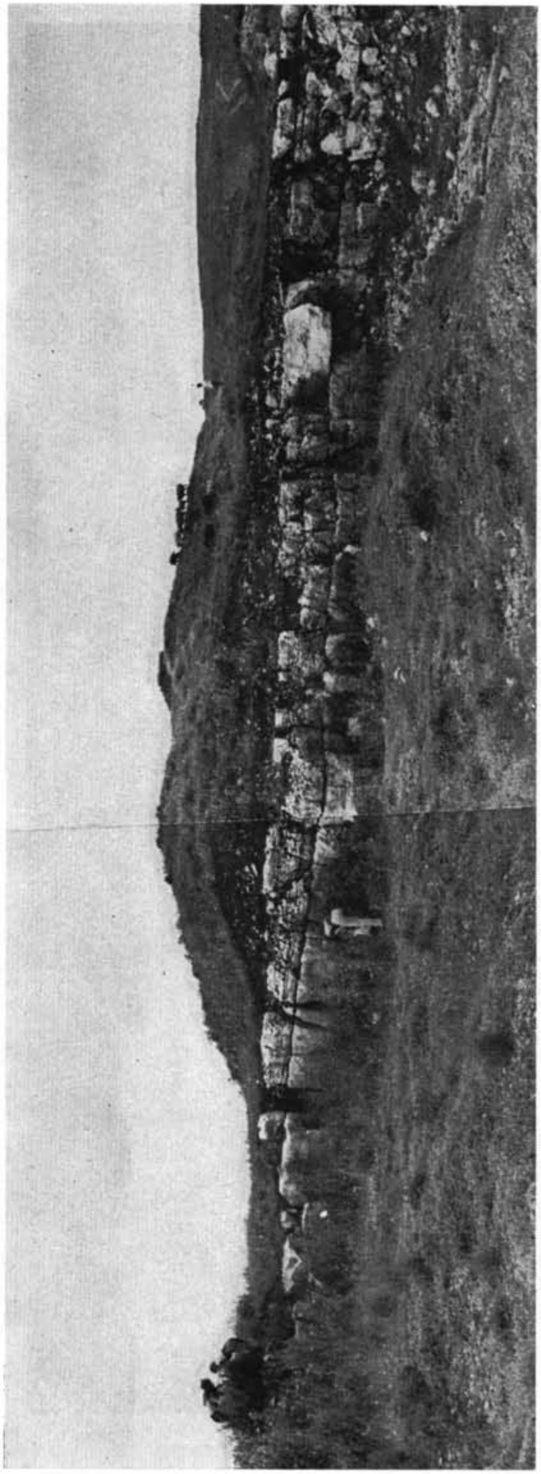
O povoado da Serra das Baútas visto de NE

a) O povoado da Serra das Baútas visto de N. As setas indicam os limites da estação

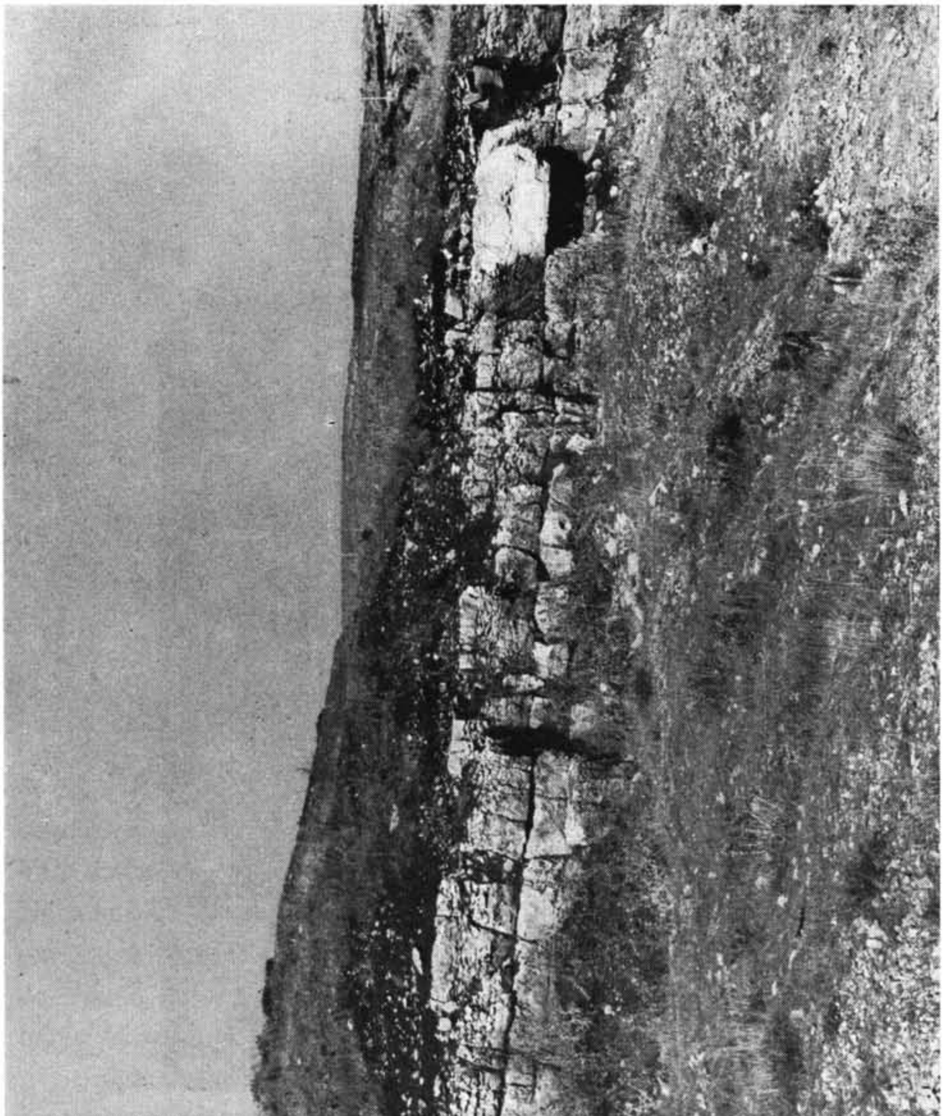


b) A «cratera» aberta pela pedreira vista de S.

A «cratera» da pedreira vista de SO. Note-se o profundo remeximento de toda a zona



Perfil transversal do povoado, reduzido pela pedreira a um «testemunho» com escassos metros de espessura e o máximo de 2 m de profundidade



Outro aspecto do perfil transversal, mostrando a estreita faixa em que os estratos inferiores se mantiveram intactos

Estratificação observada no corte da pedreira